

Conrado Colli Sampaio

Espiritismo

Noções básicas

2ª
edição

revisada e ampliada



Conrado Colli Sampaio

Espiritismo

Noções básicas

2^a
edição
revisada e ampliada



Copyright© Conrado Colli Sampaio

9782/1 – 100 – 200 – 2020

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s)

Autor(es), proprietário(s) do Direito Autoral.

Ideia de Capa e Revisão: *Conrado Colli Sampaio*

Assessoria Editorial: *Paola Mariz*

Imagens de Capa: *Pixabay/ Lumina Obscura*

Arte-final de Capa: *Daniela Jacinto*

Diagramação: *Valdir Colonbezi*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S182e

2. ed.

Sampaio, Conrado Colli

Espiritismo : noções básicas / Conrado Colli Sampaio. - 2. ed. - São Paulo : Scortecci, 2020.

ISBN 978-65-5529-279-4

1. Espiritismo. I. Título.

20-66504

CDD: 133.9

CDU: 133.9

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Rua Deputado Lacerda Franco, 98

São Paulo - SP - CEP 05418-000

Telefone: (11) 3032-1179



www.scortecci.com.br

Livraria Asabeça

Telefone: (11) 3032-8848

www.asabeca.com.br

Agradecimentos

A publicação da 1ª edição deste livro só foi possível graças à colaboração dos Srs. Sardinha (in memoriam) e ao Armando Antongini.

Agradeço ao meu amigo e guia espiritual Adonis pela inspiração, à minha esposa Lizete pela paciência com relação às horas que passei defronte ao computador, aos familiares e amigos pelo incentivo.

A todos meu muito obrigado.

Sumário

Introdução

O Livro dos Espíritos

- 1 – Princípios do Espiritismo
- 2 – Leis Morais
- 3 – Esperanças e Consolações
- 4 – Conceitos Básicos do Espiritismo

O Livro dos Médiuns

- 1 – Mediunidade
- 2 – Formação dos Médiuns
- 3 – Inconvenientes e Perigos da Mediunidade

O Céu e o Inferno

- 1 – A Justiça Divina Segundo o Espiritismo
- 2 – Doutrina das Penas Eternas
- 3 – As Penas Futuras Segundo o Espiritismo
- 4 – Proibição de Evocar os Mortos

A Gênese

- 1 – Introdução
- 2 – A Gênese
- 3 – A Criação Primeira
- 4 – Esboço Geológico da Terra
- 5 – Gênese Orgânica
- 6 – Gênese Espiritual

- 7 – Gênese Mosaica
- 8 – Os Milagres Segundo o Espiritismo
- 9 – Os Milagres Segundo o Evangelho
- 10 – As Predições Segundo o Espiritismo
- 11 – Predições Segundo o Evangelho
- 12 – Considerações Finais

Sobre a obra

Sobre o autor

Introdução

É comum ao lermos livros espíritas, principalmente nos romances, a indicação, para quem não é espírita ou tem pouco conhecimento, da leitura das obras de Allan Kardec. São, sem dúvida, obras fundamentais do Espiritismo. Mas estas obras são de difícil leitura e compreensão complexa.

Daí a ideia de fazermos um resumo, de: “O Livro dos Espíritos”¹, “O Livro dos Médiuns”², “O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo”³, e “A Gênese – os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo”⁴; somente com os conceitos básicos, sem a preocupação de explicá-los ou prová-los. Seria como, por exemplo, a partir de um livro de matemática, referente a teoremas, copiarmos os enunciados, sem as demonstrações e explicações; os enunciados mais simples seriam copiados, os mais longos e complexos, resumidos conforme nosso entendimento, procurando não fugir aos conceitos e às ideias originais.

Estamos cientes que a leitura deste resumo, não é o suficiente para se conhecer, em profundidade, a Doutrina dos Espíritos⁵; a intenção não é a de persuadir ninguém a deixar sua religião, mas tão somente apresentarmos os conceitos básicos, que sirvam para despertar o interesse pelo Espiritismo, daí sim estudar, sob a orientação de pessoas experientes e devidamente capacitadas, as obras básicas de Kardec.

Neste trabalho usaremos a expressão “Ser Humano” quando nos referirmos tanto ao gênero masculino como ao feminino e “homem” quando nos referirmos exclusivamente ao gênero masculino e “mulher” quando nos referirmos exclusivamente ao gênero feminino.

Conrado

¹ O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, Petit Editora, 1999.

² O Livro dos Médiuns, Allan Kardec. Instituto de Difusão Espírita, 2000.

³ O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo, Allan Kardec. Instituto de Difusão Espírita, 2000.

⁴ A Gênese – os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo, Allan Kardec. Instituto de Difusão Espírita, 2000.

⁵ É uma Filosofia de Vida. Não é uma religião, mas um conjunto de princípios em que se baseia um modo de vida.

O Livro dos Espíritos

1

Princípios do Espiritismo

Deus

Acreditar em Deus é a condição primária para ser Espírita.

Deus: é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. É eterno, único, soberanamente justo e bom.

Prova da existência de Deus: não há efeito sem causa. Deus é a causa de tudo o que não é obra do ser humano, senão seria admitir que **o nada** pode criar alguma coisa.

As Palavras

Espiritualismo é o oposto de materialismo.

Espiritualista é quem acredita ter em si algo mais que matéria e que, este algo, um princípio inteligente, sobrevive à morte da matéria.

Espiritualista nem sempre acredita na comunicação entre o Mundo dos Espíritos e o Mundo Físico.

Espiritismo ou Doutrina dos Espíritos tem por princípio a relação do Mundo Físico com os Espíritos ou Seres do Mundo Espiritual.

Espíritas são os adeptos do Espiritismo.

Espiritualismo possui um sentido mais amplo e Espiritismo um sentido mais restrito, assim podemos dizer que todo espírita é espiritualista, mas nem todo espiritualista é espírita.

Ser Espiritual (Alma ou Espírito) é o ser individual que existe em nós e que sobrevive à morte do corpo físico, mantendo a sua individualidade. Demonstra ter consciência do seu eu e vontade própria.

Cada Ser Espiritual é uma unidade indivisível, mas pode estender seu pensamento para muitos lugares (ubiquidade⁶).

As palavras Alma e Espírito, só têm significado didático, ou seja: referimo-nos à Alma quando o Ser Espiritual está encarnado e Espírito quando o Ser Espiritual está desencarnado.

Princípio Vital

Princípio vital é o princípio da vida material e orgânica, **comum a todos os seres vivos, plantas, animais e seres humanos.**

Princípio da inteligência é o princípio que **separa os animais e seres humanos das plantas.**

Princípio do sentido moral é o princípio que **separa os seres humanos dos animais.**

Mundo Normal, Primitivo

O Mundo Espiritual é o mundo normal, primitivo, eterno.

O mundo físico é apenas secundário. É uma escola onde praticamos (ou deveríamos praticar) os ensinamentos recebidos no mundo espiritual.

O ser humano tem duas naturezas:

Pelo corpo ou ser material, participa da natureza dos animais e é animado pelo mesmo princípio vital.

Pela alma, participa da natureza dos Espíritos.

Perispírito

Perispírito é um envoltório etéreo⁷, semimaterial, que envolve o Espírito. O perispírito tem a mesma natureza do Espírito, e a sua densidade varia de acordo com a do estado de evolução do Espírito e ao mundo em que está.

A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro, o corpo físico, conservando o perispírito, que constitui para o Espírito um corpo etéreo.

O Espírito é, portanto, um ser real, definido e não somente um ser abstrato, indefinido que só o pensamento pode conceber. O Espírito pode ser reconhecido e avaliado pelos sentidos da visão, da audição e do tato.

Ordens

Os Espíritos pertencem a diferentes classes ou ordens, de acordo com seu grau de evolução. Esse progresso ocorre pela encarnação, seja na Terra ou em outros Mundos. O Ser Espiritual pode estacionar, por um determinado tempo, mas jamais regride.

Quando e como cada um de nós foi criado ninguém o sabe. A criação dos Espíritos é permanente, Deus nunca parou de criar.

Os Espíritos são criados todos iguais; simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento, mas tendo a capacidade de raciocinar e progredir. Uns progridem, em direção à perfeição, mais rapidamente que outros, de acordo com o caminho escolhido, o do bem ou o do mal, pelo uso do livre-arbítrio⁸.

No momento da morte do corpo físico a Alma passa por um momento de perturbação. O tempo de duração dessa perturbação depende do seu grau de elevação. Os Espíritos mais elevados reconhecem a sua nova situação quase imediatamente, ao passo que os menos elevados conservam por mais tempo as sensações da matéria. Portanto o tempo de duração, da perturbação que se segue à morte do corpo físico, é bastante variável.

Pluralidade das Existências

Reencarnação é a volta do Espírito a outro corpo físico (nascimento), independente do motivo ou do porquê desta volta.

Temos muitas existências corporais e a cada nova existência o Espírito dá um passo no caminho do progresso. O número de encarnações não é o mesmo para todos os Espíritos, depende de como cada um evolui com o maior ou menor aproveitamento dos ensinamentos, de cada existência, em função do uso do livre-arbítrio. Temos, portanto, seres espirituais com diferentes graus de desenvolvimento convivendo em um mesmo mundo.

Um ser humano, numa existência futura, pode do ponto de vista social descer mais baixo que a atual, mas não como Espírito, portanto um Espírito que já atingiu certo grau de bondade não retorna, numa próxima encarnação, como um ser perverso.

Devemos entender a palavra “reencarnação” num sentido mais amplo do que simplesmente voltarmos ao corpo físico, com a forma humana como a conhecemos no planeta Terra, pois ao deixarmos o Mundo Espiritual (que é nossa morada definitiva) poderemos renascer em outros mundos, com forma que não conhecemos. Portanto a palavra “Renascer” me parece mais apropriada do que “Reencarnar”.

Sexo nos Espíritos

Um mesmo Espírito pode, em reencarnações diferentes, encarnar como homem ou mulher, dependendo das provas que deva passar. Aquele que encarnasse sempre como homem ou sempre como mulher apenas saberia o que sabem os homens ou as mulheres.

Parentesco

Na encarnação, os pais transmitem aos filhos somente a vida animal (os genes), porque a alma é indivisível.

Como tivemos diversas existências, o parentesco pode recuar além de nossa existência atual. Isso faz com que os laços que unem os membros de uma mesma família sejam mais vigorosos e diminui, entretanto, a importância que alguns atribuem à sua genealogia⁹, uma vez que pode ter tido por pai um Espírito que pertenceu a outra raça ou ter vindo de uma condição bem diversa.

Os pais podem transmitir aos filhos a semelhança física, por meio dos genes, mas não semelhança moral. O que acontece com relação à semelhança moral, entre familiares, é que Espíritos com semelhança de tendência se atraem.

Ideias Inatas

Os Espíritos ao reencarnarem, não trazem uma vida pré-determinada, mas com predisposições latentes (conhecimentos adquiridos). O Espírito parte de onde estava na existência anterior, somado aos conhecimentos adquiridos na erraticidade¹⁰, sem isso seria sempre um reiniciar. Essas predisposições latentes podem aflorar em função do ambiente, de uma forte emoção, de um acontecimento traumático, feliz ou infeliz, etc. aparecendo então as ideias inatas.

A aplicação dessas ideias inatas para o bem ou para o mal depende de nossa escolha, de como usamos o livre-arbítrio. As consequências dessa escolha também são de nossa responsabilidade e responderemos por elas.

Erraticidade

Erraticidade compreende o período entre uma e outra encarnação.

Os Espíritos na erraticidade são chamados de Espíritos errantes. O intervalo de duração da erraticidade varia em função da evolução do Espírito ou da necessidade de uma nova encarnação. Não há limite estabelecido para o estado de erraticidade, mas nunca é perpétuo. Existem Espíritos errantes de todos os graus de evolução. A encarnação é para um Espírito um estado transitório, pois no seu estado normal ele está liberto da matéria.

O Espírito, na erraticidade, pode melhorar-se muito, de acordo com sua vontade. Mas é na existência corporal que põe em prática os novos conhecimentos que adquiriu.

Percepções e Sensações

A Alma ou o Espírito tem nela todos os dons, percepções e sensações que possuía na vida física e estes se manifestarão mais livremente quanto mais elevados forem os Espíritos.

A inteligência é um dos atributos que se manifesta mais livremente nos Espíritos, bem como a visão, audição, etc.

Os sofrimentos dos Espíritos são angústias morais, que torturam mais dolorosamente do que os sofrimentos físicos. Estes sofrimentos não são castigos impostos por Deus, mas resultados de nossas escolhas, do uso do livre-arbítrio, são impostos por nós mesmos, devido aos nossos remorsos. A sensação de dor, como frio, calor, fome, sede, etc., não é física, é mais uma lembrança, da vida corpórea, do que uma realidade e isto ocorre aos Espíritos menos elevados.

Escolhas das Provas

Antes de uma nova encarnação o Espírito se prepara, e escolhe o gênero de provas e o contexto que melhor lhe possibilitará vivenciá-lo. Escolhe no

sentido macro, mas não prevê todos os detalhes, que são consequência das escolhas que fizer, para cada situação, em função de seu livre-arbítrio. Portanto se, ao passar na rua, uma telha cair em sua cabeça, não acredite que estava escrito, como se diz vulgarmente.

Relações Entre os Espíritos

Os Espíritos possuem diferentes ordens, de acordo com sua evolução; os mais evoluídos têm para com os menos evoluídos uma autoridade (hierarquia) relativa à sua superioridade, que exercem por uma ascendência moral. A evolução é espiritual e não corresponde à evolução social enquanto encarnado; por exemplo, um soldado pode ser espiritualmente mais evoluído do que um general e quando ambos desencarnarem, o general reconhecerá a superioridade moral de seu antigo comandado.

A missão dos Espíritos mais elevados é combater as más tendências dos menos elevados.

A comunicação entre os Espíritos se estabelece por meio do fluido universal, que é o veículo da transmissão do pensamento, assim como o ar é o veículo do som.

Os Espíritos constataam sua individualidade e se distinguem uns dos outros pelo perispírito.

Não existe união particular e fatal (predestinada) entre dois Espíritos. A união existe entre todos os Espíritos, mas em diferentes graus, de acordo com o estado de evolução, ou seja, quanto mais perfeitos, mais unidos. A simpatia que atrai um Espírito ao outro é o resultado da perfeita concordância de suas tendências, pensamentos e sentimentos e na igualdade do estado de elevação; se um tivesse que completar o outro, perderia sua individualidade.

Lembrança da Existência Corporal

Como já dissemos no momento da morte do corpo físico a Alma passa por um momento de perturbação. O tempo de duração dessa perturbação depende do seu grau de elevação, portanto, ele se lembra de sua existência corporal pouco a pouco. O Espírito se lembra muito bem dos fatos principais que o ajudaram a evoluir e daqueles os quais precisa melhorar.

Quanto mais elevado o Espírito menos importância dá às coisas materiais e considera o corpo que acabou de deixar como uma veste que o apertava e sente-se feliz por estar livre dele.

O Espírito sempre fica feliz em ser lembrado, mas é pelo pensamento que são atraídos e não pelos objetos materiais deixados, quando do seu desencarne.

Muitas vezes, os Espíritos, conservam lembranças dos sofrimentos que passaram durante sua última encarnação e essas lembranças os faz avaliar melhor quanto vale a felicidade que podem alcançar como Espíritos.

Os Espíritos, na erraticidade, podem melhorar-se muito, de acordo com sua vontade. É então que procura os meios de se aperfeiçoar, mas é na existência corporal que põe em prática os novos conhecimentos que adquiriu.

Comemoração do Dia dos Mortos. Funerais

Os Espíritos são sensíveis à saudade daqueles que amaram na vida corporal e se são felizes, essa lembrança aumenta sua felicidade e se são infelizes, essa lembrança é para eles um alívio.

A comemoração do Dia dos Mortos, não tem para os Espíritos a mesma importância que tem para nós encarnados. Os Espíritos atendem os chamados do pensamento tanto nesse dia quanto em qualquer outro. A prece é que santifica o ato da lembrança, pouco importa o lugar, junto ao túmulo ou não, quando se ora com o coração.

Quando o Espírito já atingiu certo grau de perfeição, compreende a futilidade das homenagens prestadas aos seus despojos mortais. Porém os menos perfeitos sentem grande prazer pelas homenagens.

Retorno à Vida Corporal

Os Espíritos pressentem a época em que reencarnarão, mas não sabem, exatamente, quando isso vai acontecer.

A reencarnação é uma necessidade da vida espiritual, assim como a morte é uma necessidade da vida corporal.

O Espírito faz escolha do contexto em que deve viver, mas com relação às características físicas, pode pedir, embora nem sempre a escolha dependa dele.

Para Espíritos muito inferiores e relutantes quanto à reencarnação, esta pode ser compulsória, não podendo escolher o contexto onde viver nem as características físicas.

Os momentos, que antecedem à reencarnação, são uma espécie de agonia para o Espírito, devido à incerteza do sucesso das provas que vai suportar, uma vez que o sucesso ou o insucesso adiantarão ou retardarão o seu progresso.

União da Alma e do Corpo. Aborto

A união da Alma ao corpo começa na concepção, mas só se completa no instante do nascimento. O Espírito designado para um corpo se liga a ele por um laço fluídico que vai aumentando essa ligação cada vez mais, até o instante do nascimento da criança. Como a união do Espírito e do corpo só se dá definitivamente no instante do nascimento, podemos dizer que o feto não possui, propriamente falando, uma Alma, mas tem uma Alma vinculada a ele.

As imperfeições da matéria são as causas mais frequentes das mortes prematuras. Essas mortes prematuras são mais uma prova para os pais do que uma utilidade para o Espírito.

As consequências do aborto, para um Espírito é o de uma existência nula e que terá que recomeçar. Perante as Leis de Deus não se deve praticar o aborto, mas se a vida da mãe estiver em perigo, é preferível sacrificar o ser que ainda não existe a sacrificar o que existe. Mas como somos dotados do livre-arbítrio, temos a obrigação de usá-lo, portanto a escolha é nossa, bem como as consequências.

Faculdades Morais e Intelectuais do Ser Humano

As qualidades morais e intelectuais, boas ou más, estão em estado latente no Espírito e poderão aflorar a qualquer momento em função de um determinado acontecimento. Quanto mais o Espírito for puro, mais o ser humano é levado ao bem.

Como as qualidades morais e intelectuais estão em estado latente, o Espírito pode avançar, durante um período das suas muitas existências, em ciência e num outro, em moralidade.

Influência do Organismo

Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da Alma. Essa manifestação depende do desenvolvimento e grau de perfeição desses mesmos órgãos.

A Alma tem sempre as faculdades que lhe são próprias e não são, portanto, os órgãos que lhe dão as faculdades. Mas, o corpo material é um obstáculo à livre manifestação das faculdades da Alma, como um vidro opaco se opõe à livre emissão da luz.

Os Deficientes Mentais e a Loucura

Os deficientes mentais não têm uma Alma inferior, e são muitas vezes inteligentes, mas que sofrem a influência dos meios que têm para se manifestar, assim como um bom músico com um instrumento ruim não fará boa música, mas isso não o impedirá de ser um bom músico.

O Espírito, no estado de liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente sua ação sobre a matéria. Mas estando encarnado, se encontra em condições diferentes e na obrigatoriedade de se manifestar com a ajuda dos órgãos. Se parte ou o total desses órgãos for danificado, sua ação ou impressões serão alteradas. Neste caso é o corpo e não o Espírito que está desorganizado.

Infância

O Espírito que anima o corpo de uma criança pode ser tão desenvolvido quanto o de um adulto, apenas os órgãos ainda não totalmente desenvolvidos o impede de se manifestar plenamente.

Quando criança, é natural que os órgãos da inteligência não estando desenvolvidos, não possam dar toda a intuição de um adulto; com o passar do tempo o acúmulo de informações e experiências faz amadurecer sua razão, em função das predisposições latentes.

Simpatias e Antipatias Terrenas

Espíritos com semelhança de tendência se atraem e com diferenças de tendência se antipatizam.

A antipatia instintiva não é sinal de natureza má, mas pode se originar das diferenças no modo de pensar.

Dois Espíritos que se conheceram, no plano espiritual, ao se encontrarem em outra existência corporal podem sentir-se atraídos, mas não se reconhecerão.

Esquecimento do Passado

Como já dissemos os Espíritos ao reencarnarem, não trazem uma vida pré-determinada, mas com predisposições latentes e com o esquecimento de sua proposta reencarnatória.

A cada nova existência o Ser Espiritual tem mais inteligência e pode melhor distinguir o bem do mal. Onde estaria o mérito, da Alma, ao se lembrar de todo o seu passado? Seria como um estudante que fosse fazer uma prova, sabendo previamente as perguntas e respostas. Qual seria o mérito de uma prova bem-feita, nestas condições?

Nas existências de natureza mais elevadas que a nossa, a lembrança do passado é mais precisa.

O Sono e os Sonhos

O sono é somente o repouso do corpo. Durante o sono a Alma não repousa como o corpo, a Alma nunca fica inativa. Durante o sono os laços que prendem a Alma ao corpo se relaxam e o Espírito pode parcialmente se libertar do corpo material e entrar em contato mais direto com outros Espíritos. Para os Espíritos mais elevados é um momento de aprendizagem e trabalho, para os menos elevados pode ser um momento prazeres viciosos ou de pesadelos.

O sono liberta, em parte, a Alma do corpo material.

O sonho é a lembrança do que a Alma viu durante o sono. Mas nem sempre nos lembramos de tudo o que vimos ou fizemos, pois, o Espírito não

recebeu essas impressões pelos órgãos do corpo material.

Os sonhos são os produtos da emancipação da Alma, que se torna mais independente pela suspensão, parcial, da vida ativa.

Visita Espírita Entre Pessoas Vivas

Pessoas que se conhecem, nesta existência ou em outras, podem se encontrar durante a emancipação da Alma. Pouca ou quase nenhuma lembrança sobra dessas visitas feitas pela Alma emancipada, mas é comum ficar uma intuição que pode dar origem a ideias que surgem espontaneamente, sem explicação muito clara (ideias inatas).

Transmissão Oculta do Pensamento

Muitas vezes, uma mesma ideia, a de uma descoberta, pode surgir em diversos lugares ao mesmo tempo; isto ocorre porque durante o sono os Espíritos se comunicam.

Embora o faça com mais dificuldade, Espíritos podem se comunicar mesmo se o corpo estiver completamente acordado, por isso duas pessoas têm, instantaneamente, a mesma ideia.

Sonambulismo

O sonambulismo natural é uma situação de independência do Espírito mais completa do que no sonho, porque suas faculdades abrangem maior amplitude e passa a ter percepções que não tem no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo o Espírito se utiliza do corpo material para realizar uma ação, semelhante aos fenômenos das manifestações físicas, como no caso das

comunicações escritas.

Os sonâmbulos não têm, na maioria das vezes, uma lembrança precisa do que ocorreu, durante o estado sonambúlico, pois os sonhos, que conserva na memória, não têm muitas vezes o menor sentido. Mas pode, raras vezes, acontecer ter uma lembrança precisa dos acontecimentos.

O sonambulismo natural e sonambulismo magnético são a mesma coisa; a diferença é que o sonambulismo magnético é provocado artificialmente e o natural é espontâneo.

Temos a impressão de que os sonâmbulos veem através de objetos opacos, mas, o que ocorre, é que quem realmente vê é o Espírito, uma vez que para ele a matéria não é obstáculo, pois a atravessa livremente.

O sonâmbulo, muitas vezes fala com exatidão de coisa que ignora quando acordado, pois no estado sonambúlico ele possui mais conhecimentos e recebe, também, comunicações de outros Espíritos.

Êxtase

O êxtase é um sonambulismo mais depurado; a Alma do extático é ainda mais independente.

Como o sonâmbulo, o extático, também, pode se enganar em suas revelações, pois ele está sempre sob influência das ideias terrenas e se exprime numa linguagem apropriada a seus preconceitos ou ideias em que foi educado. É, principalmente, nesse sentido que ele pode errar.

Dupla Vista

A dupla vista é a vista da Alma, embora o corpo material não esteja adormecido.

A faculdade da dupla vista é permanente, mas o exercício, não.

A emancipação da Alma se manifesta às vezes no estado de vigília e pode produzir o que denominamos de dupla vista ou segunda visão, que dá àqueles que dela são dotados a faculdade de verem, ouvirem e sentirem além dos limites de nossos sentidos.

O poder da dupla vista varia desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes.

Como os Espíritos Podem Penetrar em Nossos Pensamentos

Os Espíritos podem ver tudo o que fazemos, pois nos rodeiam incessantemente, mas cada um vê apenas as coisas para as quais dirige seus pensamentos.

Os Espíritos levianos zombam de nossos aborrecimentos, enquanto que os Espíritos sérios lamentam nossos defeitos e se empenham em nos ajudar.

Influência Oculta dos Espíritos Sobre Nossos Pensamentos e Nossas Ações

Nossa Alma é que pensa, mas alguns pensamentos são sugeridos pelos Espíritos.

Esses pensamentos, nossos ou sugeridos, podem ser bons ou maus, depende de nós avaliá-los e aceitá-los ou não; visto que temos o livre-arbítrio e, portanto, somos nós que decidimos.

Para os seres humanos considerados gênios, algumas vezes as ideias vêm do seu próprio Espírito, mas frequentemente são sugeridas por outros Espíritos.

Deus deixa à nossa consciência a escolha do caminho que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se

exercem sobre nós.

O ser humano pode se libertar da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal, pois eles se ligam aos que os solicitam por seus desejos ou os que atraem pelos seus pensamentos.

Possessos

Não há possessão propriamente dita, ou seja, coabitação de dois Espíritos num mesmo corpo. Um Espírito não entra, portanto, no corpo, mas ele se identifica com um Espírito encarnado que tem as mesmas qualidades ou os mesmos defeitos para agir conjuntamente, mente a mente, mas é sempre o Espírito encarnado que age sobre a matéria em que está.

A Alma, por afinidade ou desejo, pode estar na dependência de um Espírito, sendo assim por ele subjugada ou obsedada. Esses são os verdadeiros possessos, **mas afirmamos que essa dominação nunca ocorre sem a participação daquele que a sofre.**

Mas pode-se por si mesmo afastar os maus Espíritos e se libertar da dominação, quando se tem vontade firme, a oração é um meio eficaz para a cura.

Convulsivos

A convulsão se caracteriza pela contração repentina e continuada dos músculos, com dores. Os que as sofrem podem perder momentaneamente a noção das coisas. Estes fenômenos dependem de uma causa física e os maus Espíritos se aproveitam dessa disposição natural. A ação dos Espíritos é sempre secundária.

Afeição dos Espíritos por Certas Pessoas

A afeição se dá por causa da semelhança dos sentimentos. Por isso, os bons Espíritos se simpatizam com os seres humanos de bem ou passíveis de se melhorarem e os Espíritos inferiores com os seres humanos viciosos ou possam vir a sê-los.

Os Espíritos, sabendo que a nossa vida corporal é apenas transitória, se afligem mais pelas causas morais do que com nossas aflições mundanas.

Anjos de Guarda, Espíritos Protetores, Familiares ou Simpáticos

Anjo de Guarda, Espírito Protetor, Mentor, Irmão Espiritual, são umas das muitas denominações dadas aos Espíritos, de ordem elevada, que nos acompanham desde o nascimento até a morte. Sua missão é a de nos aconselhar e orientar e nos ajudar a progredir moralmente.

Não devemos temer cansá-los com nossas questões, ao contrário devemos procurar estar sempre em sintonia com eles.

Eles podem se afastar se veem que seus conselhos são inúteis, mas voltam sempre que forem chamados.

Ficam felizes quando nos vêm no bom caminho e entristecem quando seus conselhos são desprezados.

Para esses Espíritos Protetores um nome não tem importância, podemos chamá-los por um nome que nos seja simpático.

Pressentimentos

O pressentimento é um conselho íntimo e oculto de um Espírito.

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos pela voz da consciência ou servindo-se de pessoas que nos rodeiam.

Influência dos Espíritos Sobre os Acontecimentos da Vida

Os Espíritos exercem influência, boas ou más, sobre os acontecimentos da vida uma vez que nos aconselham e sendo sua intervenção oculta, ela nos parece natural. Mas nem todos os acontecimentos ocorrem por influência dos Espíritos, pois cabe a nós seguir ou não esses conselhos, uma vez que conservamos sempre o livre-arbítrio.

Ação dos Espíritos Sobre os Fenômenos da Natureza

Os grandes fenômenos da Natureza, aqueles considerados como uma perturbação dos elementos tem por objetivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza. Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus e como Deus não exerce ação direta sobre a matéria, Ele conta com agentes devotados em todos os graus da escala dos mundos.

Os Espíritos Durante os Combates

Durante uma batalha há espíritos que assistem e sustentam cada lado. A justiça, é relativa, depende de que lado nós estamos.

Maus Espíritos podem inspirar más ações e cabe a nós aceitá-las ou não, a escolha é nossa, pois temos nosso livre-arbítrio e, portanto, seremos responsáveis pelas consequências e iremos responder por elas.

Pactos

Não existe pacto com os maus Espíritos. O que ocorre é que Espíritos com semelhança de tendência se atraem, e nós com maus pensamentos atraímos Espíritos inferiores, mas não existem quaisquer propostas aceitas de ambas as partes.

O pacto em seu sentido comum ligado a essa palavra é uma alegoria que representa uma criatura de natureza má que simpatiza com os Espíritos maldosos.

Poder Oculto, Talismãs. Feiticeiros

Um ser humano não pode, por pensamento e com auxílio de um Espírito, fazer mal a seu próximo, mas somente lhes mandar más energias, inspirando más ações. Mas como já dissemos a escolha é nossa, de aceitá-las ou não, pois temos o livre-arbítrio.

Todas as fórmulas são enganosas; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles são atraídos somente pelo pensamento.

Aqueles que chamados de feiticeiros, são somente pessoas, quando de boa-fé, dotadas de algumas faculdades, como a dupla vista, quando de má fé são charlatões, que procuram abusar da ingenuidade de seu próximo. O Espiritismo nos dá a chave de uma multidão de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu uma infinidade de fábulas.

Devemos desconfiar das narrações interesseiras das pessoas que exploram a credulidade alheia, em seu proveito.

Bênção e Maldição

A bênção e a maldição nunca podem desviar a Providência do caminho da justiça. Como já dissemos, podemos mandar boas (bênção) ou más (maldição)

energias, que geram boas ou más inspirações, que poderão ser aceitas ou não, dependendo de nossas escolhas, pois temos o livre-arbítrio.

Ocupações e Missões dos Espíritos

Os Espíritos, além de se aperfeiçoarem individualmente, concorrem para a harmonia do Universo ao executar os desígnios de Deus.

Todos os Espíritos, desde os mais inferiores e imperfeitos até os mais superiores e perfeitos cumprem um papel útil no Universo. Todos devem percorrer os diferentes graus da escala evolutiva para se aperfeiçoar.

As ocupações dos Espíritos são incessantes, entendendo-se que seu pensamento é sempre ativo, pois vivem pelo pensamento. Não devemos comparar as ocupações dos Espíritos às ocupações materiais dos seres humanos.

Entre os Espíritos inferiores há os que são ociosos, mas este estado é temporário e depende do desenvolvimento de sua inteligência.

As missões dos Espíritos sempre têm por objetivo o bem e são as mais variadas. Estejam ou não encarnados, eles são encarregados de ajudar no progresso da humanidade, dos povos ou dos indivíduos, num círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais, de preparar os caminhos para alguns acontecimentos, zelar pelo cumprimento de algumas coisas.

Os Espíritos nem sempre têm consciência dos desígnios que são encarregados de executar, uns são instrumentos cegos, mas outros sabem muito bem com que objetivos agem.

Uma missão não é imposta a um Espírito, ele a pede e fica feliz por obtê-la.

Nem tudo o que o ser humano faz é resultado de uma missão predestinada, ele é, muitas vezes, o instrumento de que um Espírito se serve

para executar algo de útil. Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro que ele mesmo faria se estivesse encarnado, então procura alguém apto a compreender seu pensamento e executá-lo e lhe dá a ideia, dirigindo-o na execução. Porém o ser humano não veio à Terra com a missão de fazer essa obra.

Um Espírito, não superior, pode falhar em sua missão por sua própria culpa e então será necessário refazer a tarefa.

A paternidade e ou maternidade pode ser considerada uma missão, que é ao mesmo tempo um dever muito grande, pois Deus colocou uma criança sob a tutela dos pais para que esses a dirijam no caminho do bem.

Os Minerais e as Plantas; os Animais e os Seres Humanos

Do ponto de vista material, há apenas seres orgânicos e inorgânicos. Seres orgânicos são aqueles que têm vida e, por isso, um organismo. Os inorgânicos não possuem órgãos nem vida.

Do ponto de vista moral há quatro graus. O reino Mineral, o reino Vegetal, o reino Animal e o reino Humano.

A matéria inerte, que constitui o reino mineral, tem somente uma força mecânica.

Os vegetais, ainda que compostos de matéria inerte, são dotados do princípio vital.

Os animais, ainda que compostos de matéria inerte, são dotados do princípio vital e de uma inteligência instintiva, limitada, com consciência de sua existência e de sua individualidade.

O ser humano, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, possui uma inteligência especial, a inteligência moral, que dá consciência de seu futuro, a

percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

Metempsicose

Doutrina segundo a qual a mesma alma pode animar, em vidas sucessivas, corpos diversos: vegetais, animais ou humanos.

A partir do momento que o princípio inteligente atinge o estágio necessário para ser espírito e entrar no período de humanização, não tem mais relação com seu estado primitivo e não é mais alma dos animais. No ser humano, não há mais do animal senão o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria.

O Espírito que animou o corpo de um ser humano, não pode encarnar em um animal, isso seria retroceder e o Espírito não retrocede, assim, a metempsicose, tal como se entende, não é exata.

É falsa a ideia de transmigração direta do animal para o ser humano e vice-versa, o que dá a ideia de um retrocesso ou uma fusão.

A reencarnação ensinada pelos Espíritos está fundada sobre a marcha ascendente da natureza e a progressão do ser humano.

Ser Espiritual é o ser individual que existe em nós e que conserva a sua individualidade após a morte do corpo físico e demonstra ter consciência do seu eu e vontade própria, não sendo aceitável, portanto, o seu retorno como animal ou vegetal.

⁶ Capacidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo. É um atributo de Espíritos de grande evolução.

⁷ Relativo ao ou da natureza do éter. Que tem algo de aéreo, de muito puro.

⁸ Faculdade do Ser Humano de determinar-se a si mesmo.

⁹ Procedência e origem da família; os antepassados; linhagem.

¹⁰ Período entre uma e outra encarnação.

2

Leis Morais

1 – Lei Divina ou Natural

A Lei Natural é a Lei de Deus.

É a única verdadeira para a felicidade, ela indica, ao ser humano, o que deve ou não fazer, e ele é infeliz quando se afasta dela. Ela é eterna e imutável.

Todas as leis da natureza são leis divinas, uma vez que Deus é o criador de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o ser humano de bem estuda as da alma e as pratica.

Ainda, não nos é possível conhecer e compreender em todos os seus meandros e em toda a extensão a Lei Natural; a seguir daremos uma pálida ideia da sua abrangência.

2 – Lei de Adoração

A adoração consiste na elevação de nosso pensamento a Deus.

É um sentimento inato, como o da existência de Deus. A Lei da Adoração faz parte da Lei Natural, pois é um sentimento natural no ser humano.

3 – Lei do Trabalho

O trabalho consiste em toda ocupação útil.

A necessidade do trabalho é uma Lei Natural, e o trabalho se dá tanto no mundo material como no mundo espiritual. A natureza do trabalho é relativa à

natureza das necessidades, quanto menos as necessidades são materiais, menos o trabalho é material.

O repouso também faz parte da Lei Natural, repara as forças do corpo e permite que o ser humano se eleve acima da matéria.

4 – Lei de Reprodução

A reprodução consiste na continuidade dos seres vivos.

Sem a reprodução o mundo corporal acabaria.

A reprodução faz parte da Lei Natural. O ser humano evolui no sentido de que o desenvolvimento da força bruta ser, paulatinamente, substituído pelo desenvolvimento intelectual.

5 – Lei de Conservação

O instinto da conservação foi dado a todos os seres vivos.

Para uns, é puramente mecânico, para outros é racional. A conservação faz parte da Lei Natural. O uso dos bens da terra é um direito para todos os seres vivos, como consequência da necessidade de viver.

6 – Lei de Destruição

A destruição é apenas transformação que tem por objetivo a renovação.

A destruição faz parte da Lei Natural, pois significa o renascer e o regenerar. Mas somente a matéria é destruída, pois o princípio vital é indestrutível e sofre apenas uma transformação.

7 – Lei de Sociedade

O ser humano tem todas as faculdades necessárias ao relacionamento.

O ser humano procura por instinto viver em sociedade, pois Deus deu a ele a palavra e demais faculdades necessárias ao relacionamento. Portanto, viver em sociedade faz parte da Lei Natural.

Diferentemente dos animais, que têm uma vivência material e cuidam de seus filhotes, por instinto de conservação, até que suas crias possam cuidar de si mesmos; os seres humanos têm uma vivência moral, daí o nascimento dos laços de família.

8 – Lei do Progresso

O ser humano traz em si o germe do aperfeiçoamento.

Este germe é o ponto de partida para o progresso intelectual e moral e faz parte da Lei Natural.

O ser humano se desenvolve naturalmente, mas nem todos progridem ao mesmo tempo e do mesmo modo, assim é obrigação dos mais avançados ajudarem, pelo contato social, os mais atrasados.

O ser humano pode, momentaneamente, estacionar no seu progresso moral, mas não regredir.

9 – Lei de Igualdade

Todos os seres humanos são iguais perante Deus.

Deus não deu a nenhum ser humano superioridade natural pelo nascimento, nem pela morte, todos são submissos às mesmas leis da natureza. A igualdade faz parte da Lei Natural.

As desigualdades sociais são obras dos seres humanos e não de Deus.

10 – Lei de Liberdade

É obrigação do ser humano respeitar os direitos dos outros.

A liberdade absoluta não existe, pois, os seres humanos vivendo em sociedade necessitam uns respeitar os direitos dos outros. A liberdade de cada um faz parte da Lei Natural.

O que mais se aproxima da liberdade absoluta é a liberdade de pensar.

O ser humano tem sempre o livre-arbítrio, uma vez que tem a liberdade de pensar.

11 – Lei de Justiça, Amor e Caridade

A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um.

O sentimento de justiça é natural no ser humano. É tão natural que nos revoltamos com o pensamento de injustiça. O progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá; Deus o colocou na consciência dos seres humanos, faz parte da Lei Natural.

O sentido das palavras caridade e amor ao próximo, como as entendia Jesus, é benevolência com todos, indulgência com as imperfeições dos outros e perdão das ofensas.

12 – Perfeição Moral

A sublimidade da virtude é o sacrifício do interesse pessoal pelo bem do próximo, sem segundas intenções.

Há pessoas que fazem o bem de maneira espontânea e outras têm que lutar contra sua própria natureza, os primeiros já lutaram antes e venceram, os segundos ainda estão lutando e vencerão, faz parte da Lei Natural.

O ser humano cheio do sentimento de caridade e amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperar retorno, mas primeiro precisamos nos conhecer e nos amar, pois só podemos dar o que temos.

3

Esperanças e Consolações

Penalidades e Prazeres Terrenos

O ser humano, não desfruta na Terra de uma felicidade completa, mas depende dele ser tão feliz quanto pode.

O ser humano é o agente de sua felicidade e de sua infelicidade, dependendo de suas ações, como faz suas escolhas, usando o livre-arbítrio, portanto somos responsáveis pelas consequências de nossas ações.

A felicidade terrena é relativa à posição de cada um, o que basta a um faz a infelicidade de outro. Existe, entretanto, uma medida de felicidade comum aos seres humanos, que é para a vida material a posse do necessário e para a vida moral a pureza da consciência e a fé no futuro.

O supérfluo é certamente dispensável à felicidade, mas o mesmo não ocorre com o necessário. O ser humano só é verdadeiramente infeliz quando sofre com a falta do que é necessário à vida e à saúde do corpo.

Aquele que vê felicidade apenas na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros fica infeliz quando não pode satisfazê-los, no entanto, aquele que não se interessa pelo supérfluo fica feliz com o que tem.

Perda de Pessoas Amadas

A possibilidade de entrar em comunicação com os Espíritos é uma consolação bem doce, uma vez que nos proporciona um meio de conversarmos com os parentes e amigos que deixaram a Terra antes de nós.

As dores inconsoláveis dos encarnados afetam os Espíritos que partiram, pois eles são sensíveis aos lamentos, porque vêm nessa excessiva dor uma falta de fé no futuro e de confiança em Deus.

Estando o Espírito mais feliz no Mundo Espiritual do que na Terra, lamentar que tenha deixado essa vida é lamentar que seja feliz.

Decepção, Ingratidão, Afeições Destruídas

As decepções causadas pela ingratidão e a fragilidade da amizade são para o ser humano uma fonte de amargura, mas devemos antes lastimar os ingratos, pois eles são mais infelizes.

Endurecer o coração por causa das decepções é um erro, pois está sempre feliz quem pratica o bem sem esperar agradecimentos.

Uniões Antipáticas

Há duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma, e toma-se frequentemente uma pela outra. A afeição da alma, quando pura e simpática, é durável; a do corpo é passageira. Eis por que muitas vezes os que pensavam se amar com amor eterno se odeiam quando acaba a ilusão.

Medo da Morte

Aqueles que são mais ligados à vida material do que a espiritual, a morte os assusta, por duvidar do seu futuro e acreditar que deixam na Terra todas as suas afeições e esperanças. A morte, entretanto, não inspira ao justo nenhum temor, porque, com a fé, tem a certeza do futuro e a esperança lhe faz esperar uma vida melhor.

Desgosto da Vida. Suicídio

O desgosto pela vida tem como causa a ociosidade, a falta de fé, o tédio e frequentemente a satisfação plena dos apetites e vontades. Para aquele que exerce suas atividades com objetivo útil e de acordo com suas aptidões naturais, o trabalho não tem nada de árido, e a vida escoia mais rapidamente. Suporta as contingências da vida com mais paciência e resignação.

O ser humano não tem direito de dispor de sua própria vida, apenas Deus tem esse direito. O suicídio é uma transgressão a esse direito, que pertence só a Deus.

O ser humano que se suicida esperando escapar das misérias e decepções deste mundo, se engana, pois, a vida continua e no Mundo Espiritual ao tomar conhecimento de seu ato, sofrerá ainda muito mais, tendo em vista que o suicídio não apaga os erros, pelo contrário aviva-os.

Todo sacrifício do ser humano à custa de sua própria vida pelo bem de seu semelhante é um ato meritório perante Deus, mas, antes de realizá-lo, deve refletir se sua vida não será mais útil que sua morte.

Penalidades e Prazeres Futuros O Nada. Vida Futura

O ser humano tem instintivamente horror ao nada, porque o nada não existe.

O ser humano tem o sentimento instintivo da vida futura porque antes da encarnação, o Espírito conhecia todas as coisas, e a Alma guarda uma vaga lembrança (predisposições latentes) do que sabia e do que viu em seu estado espiritual.

Acreditar em Deus sem admitir uma vida futura seria um contrassenso. A vida futura significa a conservação de nossa individualidade após a morte.

Intuição das Penalidades e Prazeres Futuros

A consequência da vida futura decorre da responsabilidade de nossos atos, do uso do livre-arbítrio.

A crença que se encontra em quase todos os povos das penalidades e recompensas futuras decorre do pressentimento da realidade trazida ao ser humano pelo Espírito nele encarnado.

No momento da morte o sentimento que domina a maioria dos seres humanos é: a dúvida para os descrentes, o medo para os culpados e a esperança para os seres humanos de bem.

Intervenção de Deus nas Penalidades e Recompensas

Deus se ocupa de todos os seres que criou, por menor que sejam, nada é muito pequeno para sua bondade.

Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus, mas Deus não pune ou recompensa diretamente; nossa consciência é que nos pune ou recompensa de acordo com nossos atos.

Natureza das Penalidades e Prazeres Futuros

As penalidades e os prazeres da Alma após a morte não têm nada de material; como já dissemos, os sofrimentos dos Espíritos são angústias morais, que torturam mais dolorosamente do que os sofrimentos físicos. Os prazeres também são mais intensos que aqueles experimentados na Terra, pois o Espírito liberto do corpo material é mais impressionável. A matéria não enfraquece mais suas sensações.

Os seres humanos não têm uma ideia muito clara das penalidades e dos prazeres da vida futura porque sua inteligência não se desenvolveu o bastante.

A felicidade para os bons Espíritos consiste em conhecer todas as coisas, não ter ódio, ciúme, inveja, ambição e nenhuma das paixões que fazem a infelicidade. O amor fraterno e incondicional é a fonte suprema da felicidade.

A felicidade é sempre proporcional à sua elevação.

O Espírito, no Mundo Espiritual, toma conhecimento, por um lado, de todas as suas existências passadas e, por outro lado, avalia o que falta para atingir seus objetivos futuros.

A compreensão do Espiritismo ajuda o ser humano a se melhorar, mas não é necessário apenas crer no Espiritismo e nas manifestações dos Espíritos para assegurar nosso bom êxito na vida futura. Só a prática do bem assegura o bom êxito na vida futura.

Penalidades Temporais

A Alma após a morte tem somente sofrimentos morais, mas quando reencarnada é apenas o corpo que sofre materialmente.

As dificuldades da vida terrena não são sempre resultantes das faltas da existência atual, mas, também são provas escolhidas, por nós mesmos antes de reencarnar.

A reencarnação da Alma num mundo mais elevado é consequência de sua depuração. O Espírito que progrediu em sua existência terrena pode reencarnar novamente no mesmo mundo, pois com certeza serão necessárias várias reencarnações para progredirmos o suficiente para repararmos todos os nossos erros.

Expição^{II} e Arrependimento

O arrependimento, normalmente se dá na vida espiritual, mas pode ocorrer na vida física, quando chegamos a compreender a diferença entre o bem e o

mal. A consequência do arrependimento na vida espiritual é o desejo de uma nova reencarnação para se purificar. O arrependimento na vida física é o começo do progresso já na vida presente, se houver tempo de reparar as faltas.

O Espírito, após a morte do corpo, não está subitamente transformado. Se sua vida foi reprovável, é porque foi imperfeito e, portanto, a morte não o torna imediatamente perfeito. Pode persistir em seus erros, suas falsas opiniões e preconceitos até ser esclarecido pelo estudo, reflexão e sofrimento.

Duração das Penalidades Futuras

O que determina a duração dos sofrimentos é o tempo necessário ao seu melhoramento. À medida que progride e seus sentimentos se depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza.

Os sofrimentos nunca serão eternos, pois Deus não criou seres para serem sempre voltados para o mal; isso seria negar a bondade de Deus. Para alguns Espíritos o arrependimento é mais tardio, mas afirmar que nunca melhorarão seria negar a Lei do Progresso.

Ressurreição da Carne

O dogma da ressurreição da carne é a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos; é a doutrina da pluralidade das existências.

Paraíso, Inferno e Purgatório

Não há lugares determinados no universo destinados às penalidades e aos prazeres, cada um tira de si mesmo o princípio de sua própria felicidade ou infelicidade. Portanto, o paraíso e o inferno não existem como os seres

humanos os representam, são apenas figuras, pois nenhum lugar localizado nem fechado está destinado a um ou a outro.

O purgatório deve ser entendido como as dores físicas e morais e não como um lugar qualquer determinado, mas como o estado dos Espíritos imperfeitos.

Como céu devemos entender o espaço universal; são os planetas, as estrelas, e todos os mundos superiores onde os Espíritos desfrutam de todas as suas qualidades sem os tormentos da vida material nem as angústias próprias da inferioridade, mas sem ociosidade.

O bem reinará na Terra quando entre os Espíritos que vêm habitá-la, os bons predominarem sobre os maus, e eles farão reinar o amor e a justiça.

Ensino do Espiritismo

Para se proceder, no ensino do Espiritismo, como se o faria nas ciências ordinárias, seria preciso passar em revista toda a série de fenômenos que podem se produzir, começando pelos mais simples e alcançando sucessivamente os mais complicados; mas não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de física e de química. Nas ciências naturais opera-se sobre a matéria bruta que se manipula à vontade, e se está quase certo de poder regular seus efeitos; no Espiritismo, trata-se com inteligências que têm sua liberdade, e nos provam a cada instante, que não se submetem aos nossos desejos. Os fenômenos, portanto, podem faltar quando deles se tem necessidade, ou se apresenta de maneira diferente daquela que se deseja. O meio de se remediar esse inconveniente é muito simples, e é o de começar pela teoria; por ela todos os fenômenos são passados em revista e explicados.

¹¹ Nova oportunidade de reparar as faltas e os erros de encarnações passadas. É a Lei de Causa e Efeito.

4

Conceitos Básicos do Espiritismo

Encerramos esta parte do trabalho, apresentando, resumidamente, os conceitos básicos do Espiritismo:

- Existência de Deus; infinitamente bom e justo.
- Existência e sobrevivência dos Espíritos, mantendo a sua individualidade.
- Reencarnação.
- Comunicabilidade dos Espíritos e suas manifestações.
- Pluralidade dos mundos habitados.
- Evolução universal.

O Livro dos Médiuns

1

Mediunidade

Médium

Médium: é o intermediário, na comunicação, entre os Espíritos e as Almas.

As manifestações são sempre provocadas pelos Espíritos, mesmo nas evocações a iniciativa de se comunicar ou não é sempre dos Espíritos. O médium só é um instrumento, um meio de comunicação, que possibilita aos Espíritos se manifestar, mas não há possessão propriamente dita, ou seja, coabitação de dois Espíritos num mesmo corpo, pois as comunicações, entre Espíritos, entre Espíritos e Almas são feitas unicamente pela irradiação do pensamento, portanto, **as comunicações são feitas mente a mente.**

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito e também sofre maior ou menor, influência da aptidão dos médiuns, pois os mesmos se exprimem numa linguagem apropriada a seus preconceitos ou ideias em que foram educados.

Todos nós sentimos, em maior ou menor grau, a influência dos Espíritos, portanto, somos todos médiuns. Esta é uma faculdade inerente a todos os seres humanos, não sendo privilégio, exclusivos de alguns. Todavia, usualmente, esta qualificação se aplica somente àqueles nos quais a faculdade medianímica está nitidamente caracterizada.

A mediunidade não se revela em todos do mesmo modo. Os médiuns têm, geralmente, uma aptidão maior para uma determinada espécie de manifestação, o que resulta em tantas variedades de médiuns, quanto sejam as espécies de manifestações.

As principais variedades de médiuns são:

- Médiuns sensitivos ou impressionáveis;
- médiuns de efeitos físicos;
- médiuns audientes;
- médiuns falantes;
- médiuns videntes;
- médiuns sonâmbulos;
- médiuns curadores;
- médiuns escreventes ou psicógrafos.

Médiuns Sensitivos ou Impressionáveis

Assim são designadas as pessoas suscetíveis de sentirem a presença dos Espíritos por uma vaga impressão, uma espécie de arrepio. Esta variedade não tem um caráter bem definido; todos os médiuns são necessariamente impressionáveis e a impressionabilidade, assim é antes uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável para o desenvolvimento das demais.

Um bom Espírito sempre transmite uma impressão agradável e um mau Espírito uma impressão desagradável.

Médiuns de Efeitos Físicos

Os médiuns de efeitos físicos são os aptos a produzirem manifestações materiais, tais como movimentos de corpos inertes, ruídos, etc. Podemos dividi-los em médiuns facultativos e médiuns involuntários.

Médiuns facultativos são os capazes de produzir manifestações por ato de sua vontade, estão, portanto, conscientes dos atos que estão produzindo.

Médiuns involuntários ou naturais são aqueles cuja influência se exerce sem seu conhecimento. Isso ocorre em função do desconhecimento dos fenômenos espíritas, mas se bem orientados, podem se tornar médiuns facultativos.

A faculdade de produzir efeitos físicos raramente existe naqueles que têm meios mais perfeitos de comunicação, como a escrita ou a palavra.

Médiuns Audientes

Médium audiente é o que tem a faculdade de ouvir os Espíritos. Algumas vezes é uma voz íntima que se faz ouvir no foro interior, outras vezes é uma voz exterior, clara e distinta como a de uma pessoa viva.

Os médiuns experientes reconhecem pelo caráter da voz os Espíritos com quem têm o hábito de se comunicarem.

Médiuns Falantes

Aqueles que falam sob a influência dos Espíritos, que atuam sobre os órgãos da palavra. Há médiuns falantes que se exprimem sem terem plena consciência do que dizem, embora estejam perfeitamente despertos e num estado normal, raramente conservam lembranças do que disseram. Mas essa passividade não é sempre completa, há os que têm intuição do que diz no próprio momento em que pronunciam as palavras.

Médiuns Videntes

Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Há os que gozam desta faculdade no estado normal, quando estão perfeitamente despertos, e dela conservam lembrança exata, outros não a têm senão no estado sonambúlico ou próximo deste estado.

A possibilidade de ver os Espíritos em sonho resulta em uma espécie de mediunidade, mas não constitui mediunidade de vidência.

O médium vidente não vê pelos olhos físicos, mas, na realidade é a Alma quem vê, por isso que ele vê tanto com os olhos abertos como com os olhos fechados.

A faculdade de ver Espíritos pode ser desenvolvida, mas é uma daquelas que convém esperar seu desenvolvimento natural, sem provocá-lo, senão podemos correr o risco de nos tornarmos joguete de nossa imaginação.

Médiuns Sonâmbulos

O sonâmbulo, normalmente, atua sob a influência de seu próprio Espírito. É sua Alma que vê, ouve e percebe fora dos limites dos sentidos, o que ele exprime, haure em si mesmo e suas ideias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais extensos, porque sua Alma é livre, vive por antecipação a vida dos Espíritos.

Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com precisão como os médiuns videntes, podem conversar com eles e transmitir seus pensamentos.

Médiuns Curadores

Este gênero de mediunidade consiste principalmente no dom de curar ou aliviar pelo toque, por um olhar, por um gesto, pela prece, sem uso de nenhuma medicação.

É evidente que o fluido magnético desempenha aqui um grande papel, mas há algo a mais, a potência magnética reside no ser humano, mas é aumentada pela ação dos Espíritos chamados para ajudar.

Não existe fórmula mágica, mas é a fé que é aumentada pela ideia ligada ao emprego da fórmula. A fórmula funciona semelhante aos catalisadores numa reação química.

Conhecer esta faculdade de cura exige um estudo muito mais profundo do que um simples resumo que nos propomos a fazer.

Médiuns Escreventes ou Psicógrafos

De todos os meios de comunicação, a escrita manual é a mais simples, a mais cômoda e a mais completa. Esta faculdade permite estabelecer com os Espíritos relações continuadas e regulares como a que existe entre nós. De outra parte, para um médium, é a mais suscetível de se desenvolver pelo exercício (ver adiante; Formação dos Médiuns).

Existem algumas variações, segundo o modo de execução, neste meio de comunicação, como veremos a seguir:

Médiuns mecânicos ou passivos: caracterizado por não ter consciência do que escreve. O Espírito atua diretamente sobre a mão do médium, dando um impulso independente da sua vontade, o seu papel é o de uma máquina. Mesmos com relação aos médiuns, dito mecânicos, os Espíritos se servem de seus materiais cerebrais, conquanto a ação do médium seja mecânica, seu cérebro desempenha sempre papel ativo. Muito raros.

Médiuns intuitivos: no médium intuitivo, o Espírito atua sobre sua mente e sob este impulso o médium atua sobre a mão e esta sobre o lápis. O médium tem consciência do que escreve, embora não seja seu próprio pensamento, ele atua como intérprete.

Médiuns semimecânicos: o médium semimecânico participa dos dois gêneros acima, sente uma impulsão dada à sua mão (mecânico), mas, ao mesmo tempo, tem a consciência do que escreve (intuitivo) à medida que as palavras se formam. Estes médiuns são os mais comuns.

Médiuns inspirados: quando recebemos pelo pensamento sugestões estranhas às nossas ideias preconcebidas, podemos ser incluídos na categoria de médiuns inspirados. É uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença que a intervenção do Espírito é bem menos sensível, tornando ainda mais difícil distinguir o pensamento próprio do que é sugerido e estes não sentem necessidade de escrever. Sob este aspecto, podemos dizer que todo mundo é médium, porque não há pessoa que não tenha seu Espírito Protetor a lhe orientar.

Outros Critérios de Classificação

Todas as variedades de médiuns apresentam graus infinitos em sua intensidade, há várias que, propriamente falando, não apresentam senão pequenas diferenças, mas que não deixam de ser aptidões especiais. É bastante raro que a faculdade de um médium seja rigorosamente circunscrita a um só gênero, mas há sempre um gênero que se sobrepõem, e é este que deve interessar ao médium em cultivar, se for útil. Buscar desenvolver uma variedade de mediunidade que não possui é perder tempo e, talvez, enfraquecer aquelas de que está dotado.

Quando o germe de uma faculdade existe, ela se manifesta por sinais inequívocos. Atendo-se em sua especialidade, o médium pode distinguir-se e obter grandes e belos resultados.

Os médiuns que não se contentam com os dons que receberam, e aspiram, por amor-próprio ou ambição, a possuir faculdades excepcionais, próprias para fazê-los notados, podem perder a qualidade mais preciosa: a de médiuns seguros.

Segundo o Desenvolvimento da Faculdade

Médiuns nocivos: aqueles cujas faculdades não estão completamente desenvolvidas e que se ressentem da experiência necessária.

Médiuns improdutivos: os que só conseguem obter monossílabos, traços ou letras sem continuidade.

Médiuns feitos ou formados: são aqueles cujas faculdades estão completamente desenvolvidas, que transmitem as comunicações que recebem com facilidade, prontidão, sem hesitação.

Médiuns lacônicos: aqueles cujas comunicações, embora fáceis, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos: as comunicações que obtêm têm toda amplitude e toda extensão que se pode esperar de um escritor consumado. São procurados, pelos Espíritos, para tratarem de assuntos que comportem grandes desenvolvimentos.

Médiuns experimentados: a experiência é o resultado de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do Espiritismo. A experiência dá ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam e julgar suas qualidades se boas ou más. Compreende-se facilmente a importância desta qualidade, sem a qual todas as outras são sem utilidade real.

Médiuns flexíveis: aqueles cujas faculdades se prestam mais facilmente a diversos gêneros de comunicação.

Médiuns exclusivos: aqueles pelos quais um Espírito se manifesta de preferência. Isto se prende sempre a uma falta de flexibilidade.

Médiuns de evocações: os médiuns flexíveis são naturalmente os mais próprios a este gênero de comunicação. As respostas se encerram, quase sempre, num quadro restrito, incompatível com o desenvolvimento dos assuntos gerais.

Médiuns de ditados espontâneos: recebem, de preferência, comunicações espontâneas da parte de Espíritos que se apresentam sem serem chamados. Devemos entender por ditados espontâneos os que, verdadeiramente, merecem este nome, e não algumas frases incompletas.

Segundo o Gênero e as Especialidades das Comunicações

Médiuns versificadores: obtêm, mais facilmente do que os outros, comunicações versificadas. Bastante comuns para os maus versos e muito raros para os bons.

Médiuns poéticos: sem obterem versos, as comunicações são próprias à expressão de sentimentos ternos e afetuosos. Neles tudo é vago. Muito comuns.

Médiuns positivos: suas comunicações têm um caráter de clareza e de precisão, que se presta aos detalhes circunstanciais, às notícias exatas. Bastante raros.

Médiuns literários: disserta com sagacidade, seu estilo é correto, elegante e, frequentemente, de uma notável eloquência.

Médiuns incorretos: seu estilo é difuso, incorreto, sobrecarregado de repetições e de termos impróprios. A incorreção material do estilo prende-se, geralmente, à falta de cultura intelectual do médium.

Médiuns historiadores: aqueles que têm aptidão especial para o desenvolvimento histórico. Variedade rara de médiuns positivos.

Médiuns científicos: são os mais especialmente próprios para as comunicações relativas às ciências.

Médiuns receitistas: sua especialidade é servir mais facilmente de intérprete dos Espíritos para as prescrições médicas. Bastantes comuns.

Médiuns religiosos: recebem, mais especialmente, comunicações de caráter religioso, não obstante suas crenças e seus hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas: suas comunicações têm, geralmente, por objeto as questões de moral e de alta filosofia. Muito comuns para moral.

Médiuns de comunicações triviais e obscenas: essas palavras indicam o gênero de comunicações que certos médiuns recebem habitualmente, e a natureza dos Espíritos que as dão. No Mundo Espiritual há os Espíritos que se igualam aos homens mais depravados, e que se comprazem em exprimir seus pensamentos em termos mais grosseiros.

Esses médiuns devem ter o desejo de ficarem livres da preferência desses Espíritos.

Segundo as Qualidades Físicas do Médium

Médiuns calmos: escrevem sempre com certa lentidão, sem experimentar a menor agitação.

Médiuns velozes: escrevem com uma rapidez maior do que poderiam fazê-lo, voluntariamente, no estado normal. Esta qualidade, algumas vezes, é inconveniente, porque a rapidez da escrita torna esta muito difícil para ser lida por qualquer outro que não seja o médium.

É muito cansativa, porque desprende muito fluido inutilmente.

Médiuns convulsivos: são de um estado de excitação quase febril, sua mão, e algumas vezes toda sua pessoa, é agitada por um tremor que não pode dominar.

Esses médiuns não devem servir, senão raramente de sua faculdade mediúnica. O uso frequente poderia afetar o sistema nervoso.

Médiuns Imperfeitos

Médiuns obsedados: aqueles que não podem se desembaraçar, facilmente, dos Espíritos importunos e mentirosos, mas não se iludem.

Médiuns fascinados: aqueles que são enganados pelos Espíritos mentirosos, e se iludem sobre a natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados: os que sofrem uma dominação moral e, frequentemente, material da parte dos maus Espíritos.

Médiuns levianos: os que não tomam sua faculdade a sério, e dela não se servem senão por passatempo ou para coisas fúteis.

Médiuns indiferentes: os que não tiram nenhum proveito moral das instruções que recebem, e não modificam em nada sua conduta e seus hábitos.

Médiuns presunçosos: os que têm a pretensão de serem os únicos em relação com os Espíritos superiores.

Médiuns orgulhosos: os que se envaidecem das comunicações que recebem, e creem não ter mais nada para aprender no Espiritismo.

Médiuns suscetíveis: variedade de médiuns orgulhosos. Melindram-se com as críticas das quais suas comunicações podem ser objeto. Desertam das reuniões onde não possam se impor e dominar.

Médiuns mercenários: os que exploram sua faculdade.

Médiuns ambiciosos: esperam tirar quaisquer vantagens de sua faculdade.

Médiuns de má-fé: os que, tendo faculdades reais, simulam as que não têm para se darem importância.

Médiuns egoístas: aqueles que se serve de suas faculdades para uso pessoal, e guardam para si as comunicações recebidas.

Médiuns invejosos: os que veem com despeito os outros médiuns, melhor apreciados e que lhes são superiores.

Todas essas más qualidades têm, necessariamente, a sua contrapartida no bem.

Bons Médiuns

Médiuns sérios: os que se servem de sua faculdade para o bem e para as coisas verdadeiramente úteis. Não se servem à satisfação de curiosos e de indiferentes, ou para futilidades.

Médiuns modestos: os que não se atribuem nenhum mérito pelas comunicações que recebem. Consideram-se estranhos e não se creem ao abrigo das mistificações.

Médiuns devotados: os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando isso for necessário, sacrificar seus interesses materiais, para o bem dos outros.

Médiuns seguros: os que merecem plena confiança, por seu próprio caráter, pela natureza elevada dos Espíritos que os assistem, e por serem os menos expostos a serem enganados.

2

Formação dos Médiuns

Desenvolvimento da Mediunidade

Trataremos nesse item do desenvolvimento da mediunidade dos médiuns escreventes, pois como já dissemos de todos os meios de comunicação, a escrita manual é a mais simples, a mais cômoda e a mais completa. Como não há diagnósticos que possam indicar, mesmo aproximadamente, que se possui esta faculdade, não há senão um meio para se constatar a existência, que é o de experimentar.

O procedimento mais simples consiste tão somente em tomar um lápis e um papel, e se colocar na posição de uma pessoa que escreve, sem outra preparação, mas não se devem esperar resultados em curto prazo, deve-se perseverar. Vejamos algumas recomendações indispensáveis ao aprendiz.

Evitar tudo o que possa embaraçar o livre movimento da mão, é mesmo preferível que esta não repouse inteiramente sobre o papel. A ponta do lápis deve apoiar o suficiente para traçar, mas não o bastante para sofrer resistência.

É indiferente servir-se da caneta ou do lápis, mas o uso da caneta pode melhor convir aos mais experientes e que escrevem pausadamente.

Não convém, no início, se obstinar em chamar um Espírito determinado, com exclusão de todos os outros, antes disso é preciso dedicar-se ao desenvolvimento da faculdade, e para isso é preciso fazer uma chamada geral e se dirigir, sobretudo ao anjo guardião.

Não há uma fórmula sacramental, mas a evocação deve ser feita em nome de Deus. Pede-se a Deus permitir, a comunicação de um bom Espírito, e permitir escrever.

No começo, deve-se procurar estabelecer uma relação, fazendo pergunta simples, que possa ter como resposta um “sim” ou um “não”, como por exemplo; Estás aí? Queres responder-me? Podes me fazer escrever? Mais tarde, com o desenvolvimento, esta precaução se torna desnecessária.

Muito importante é a calma e o recolhimento, unidos a um desejo ardente e à firme vontade de ser bem-sucedido. O recolhimento é favorecido pelo silêncio e o afastamento de tudo que possa causar distrações. Devem-se renovar todos os dias as tentativas durante dez minutos ou um quarto de hora ou mais, de cada vez, isso durante um tempo indeterminado, que pode variar de dias a meses, antes de se obter os primeiros resultados positivos.

Um meio, frequentemente bem-sucedido, consiste no auxílio de um médium escrevente flexível e experiente. Coloca-se a mão ou os dedos do aprendiz sobre a mão que deve escrever, é raro que esta não o faça imediatamente. Isto ajuda a superar o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade.

O concurso de um guia experimentado é algumas vezes muito útil para fazer observar ao iniciante uma porção de pequenas precauções que, frequentemente negligência em detrimento da rapidez do progresso. Outra dificuldade dos médiuns iniciantes é ter relações com Espíritos inferiores, daí a importância do acompanhamento de um médium experiente.

Outro meio que pode contribuir poderosamente para o desenvolvimento da faculdade, consiste em reunir certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo; raramente entre elas não há as que dão sinais de mediunidade ou mesmo escrevam correntemente em pouco tempo. Compreende-se, facilmente, o que se passa nestas circunstâncias. As pessoas unidas por uma identidade de intenções formam um todo coletivo, onde a força e a sensibilidade se encontram aumentadas por uma espécie de influência magnética que ajuda o desenvolvimento da faculdade.

Esta faculdade depende de uma predisposição orgânica. Haja vista que pessoas incrédulas fiquem admiradas por escreverem, enquanto que crentes sinceros não o puderam fazê-lo. A pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam.

O primeiro indício de uma disposição para se escrever, na maioria das vezes, é uma espécie de tremor no braço e na mão. Normalmente, no início se traça riscos insignificantes, depois os caracteres, e finalmente a escrita adquire a rapidez da escrita corrente. Certos médiuns escrevem corretamente, com facilidade, desde o início, algumas vezes mesmo na primeira tentativa, o que é bastante raro.

Todas as recomendações, dadas se aplicam à escrita mecânica e é a que os médiuns procuram obter, mas o mecanismo puro é muito raro e, frequentemente, se mistura com a intuição, escrita semimecânica. Tendo o médium consciência do que escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade, não sabe se o que escreve vem dele ou de um Espírito. O médium deve continuar a praticar, pois a dúvida se dissipará com a experiência.

Se não é dado ao médium ser exclusivamente mecânico, não deve desistir, pois pode estar dotado da faculdade intuitiva ou inspirada e não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe é sugerido, sem se preocupar se vem dele ou de outra fonte. Pode ocorrer que o movimento mecânico se desenvolva posteriormente.

Após, superado os primeiros obstáculos e o médium já escrever com facilidade, seria um erro, de sua parte, crer-se dispensado de qualquer outra instrução, pois não venceu senão uma resistência material, e é agora que começam, para ele, as verdadeiras dificuldades e tem mais do que antes, necessidade de conselhos, da prudência e da experiência de médiuns sérios, se não quiser cair em armadilhas e se tornar um joguete de Espíritos inferiores.

Uma vez desenvolvida a faculdade da escrita é, essencial, que dela o médium não abuse; é importante moderar visto que esta faculdade lhe é dada

para o bem e não para satisfazer uma vã curiosidade. É bom adotar dias e horas determinados porque isso proporciona disposições de mais recolhimento e os Espíritos que quiserem vir acham-se prevenidos e, em consequência, mais dispostos.

Há médiuns cuja faculdade, mesmo após meses de tentativas, não vai além de traços e sinais insignificantes, sendo inútil persistir; são médiuns com outras faculdades que não a escrevente. Mas se os Espíritos não podem nos transmitir materialmente seus pensamentos, vêm em nossa ajuda pela inspiração.

Mudança de Caligrafia

Um fenômeno muito comum nos médiuns escreventes é a mudança de caligrafia, segundo o Espírito que se comunica, e a mesma caligrafia se reproduz constantemente com o mesmo Espírito, e algumas vezes são idênticas com a que tinha quando encarnado.

A mudança de caligrafia só ocorre com os médiuns mecânicos e semimecânicos, porque neles o movimento é involuntário e dirigido pelo Espírito. O mesmo não ocorre com os médiuns intuitivos e inspirados, visto que o Espírito atua unicamente sobre o pensamento. Nem sempre há mudança de caligrafia, pois essa mudança se prende a uma aptidão especial, da qual alguns médiuns são dotados. Os que têm essa aptidão são chamados de médiuns polígrafos.

Perda e Suspensão da Mediunidade

Qualquer que seja o gênero da faculdade medianímica, ela está sujeita a interrupção e a suspensão momentânea, que cessa quando cessa a causa que a produziu.

O médium nada pode sem o concurso simpático dos Espíritos, e quando não se obtém mais nada, não é sempre a faculdade que lhe falta, são os Espíritos que não querem ou não podem mais se servir do médium.

O que mais influi na interrupção da faculdade medianímica é o uso que o médium faz dela; quando dela se serve para coisas frívolas ou com objetivos ambiciosos. Essa impotência momentânea é também para dar ao médium a prova de que escreve sob a influência dos Espíritos, pois de outro modo não teria intermitência.

A interrupção da faculdade nem sempre é uma punição; o Espírito quer proporcionar ao médium um repouso material que julga ser necessário e, nesse caso, não permite a outros Espíritos que o substitua.

A fim de pôr à prova a paciência e julgar sua perseverança muitos médiuns dignos, moralmente falando, e não tendo necessidade de repouso, têm sua faculdade interrompida. É também para dar ao médium tempo de meditar sobre as instruções que lhe deram, e é nessa meditação dos ensinamentos que reconhecemos os espíritas verdadeiramente sérios.

Vemos, portanto, que a interrupção nem sempre é uma censura por parte dos Espíritos. Como saber se é uma censura ou não? Que o médium interrogue sua consciência e se pergunte que uso tem dado à sua faculdade, que proveito tem retirado dos conselhos que lhe foram dados, e terá a resposta.

3

Inconvenientes e Perigos da Mediunidade

A faculdade mediúnica não é indício de um estado patológico; há médiuns de saúde vigorosa e, os que estão doentes, o estão por outras causas.

O exercício, muito prolongado da mediunidade pode causar fadiga pelo dispêndio de fluido, que se repara pelo repouso. O médium, geralmente, sente, e quando experimenta a fadiga, deve abster-se do trabalho.

Para as pessoas que têm predisposição para doenças, e dependendo do estado físico e moral, é necessário evitar toda causa de sobre excitação e deve, portanto, se abster do trabalho mediúnico.

Não há inconvenientes na prática da mediunidade por crianças, quando ela é uma faculdade mediúnica espontânea. Mas há inconveniências e perigos no estímulo e desenvolvimento da mediunidade em crianças, porque esses organismos fracos e delicados seriam muito abalados e sua jovem imaginação muito excitada. Outra inconveniência decorre da inexperiência da criança, e no caso dela querer se ocupar sozinha e com ela se divertir. A prática do Espiritismo pede muito tato para afastar a astúcia dos Espíritos enganadores; se para os adultos não é fácil, imagine para as crianças e para os jovens que têm muito menos experiência.

Papel do Médium nas Comunicações Espíritas

Normalmente, no momento em que exerce sua faculdade, o estado do médium não difere sensivelmente do estado normal, sobretudo nos médiuns

escreventes. Se o médium está num estado de crise mais ou menos pronunciado, é isso que o fatiga e é quando necessita de repouso.

As comunicações, escritas ou verbais, podem também provir da Alma do médium, temos então as **comunicações anímicas**. Essas comunicações ocorrem com frequência, com o médium no estado sonambúlico, quando a Alma está mais livre, mas no estado normal é mais difícil de ocorrer.

As comunicações provenientes do Espírito do médium não são sempre inferiores às dadas pelos Espíritos estranhos, pois esses Espíritos podem ser de uma ordem inferior à do médium.

Como já dissemos o Espírito do médium exerce uma influência sobre as comunicações, pois o mesmo se exprime numa linguagem apropriada a seus preconceitos ou ideias em que foi educado. Por isso, os Espíritos procuram o médium que melhor e mais exatamente exprima seus pensamentos, isto é, procuram os melhores intérpretes. Esta influência ocorre mesmo com os médiuns mecânicos, pois para uma comunicação inteligente há necessidade de um intermediário inteligente, e que esse intermediário é a Alma do médium. Podemos dizer que a Alma de um médium é passiva quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito estranho, mas não é jamais absolutamente nula, seu concurso é sempre necessário, como intermediário, mesmo nos médiuns mecânicos.

Os Espíritos têm uma **única linguagem que é a do pensamento**, essa linguagem é compreendida por todos os Espíritos, tanto pela Alma como pelo Espírito errante. Quando este se comunica com a Alma, ele o faz pela linguagem universal que é a do pensamento e a Alma toma as palavras no vocabulário do médium.

Mesmo uma pessoa que não saiba escrever pode servir de médium escrevente, mas há então uma grande dificuldade mecânica a vencer: a falta de hábito necessário para formar as letras.

A mediunidade propriamente dita é independente da inteligência do médium, pois a pouca inteligência ou a ignorância, frequentemente não é senão pela imperfeição dos seus órgãos, mas seu Espírito pode ser avançado. Quando o médium tem muitos conhecimentos adquiridos em sua vida atual, e seu Espírito é rico de conhecimento anterior latente, a comunicação fica sem dúvida facilitada e dele se servem de preferência os Espíritos para suas comunicações.

Finalmente podemos dizer que o Espírito toma do cérebro do médium, não suas ideias, mas os materiais necessários para exprimi-las e que quanto mais rico for esse cérebro mais a comunicação será facilitada. Quando o Espírito se exprime na linguagem familiar ao médium, encontra nele as palavras prontas para revestir a ideia e a comunicação flui com facilidade.

Influência Moral do Médium

O desenvolvimento da mediunidade não está em razão do desenvolvimento moral do médium. É independente da moral, mas o mesmo não ocorre com seu uso, que pode ser bom ou ruim, segundo as qualidades do médium.

Pessoas indignas, muitas vezes são dotadas de mediunidade para ter uma oportunidade de aprender com ela e se melhorarem. Os avisos e conselhos ditados ao médium não são, frequentemente, dirigidos a ele, mas, se não estiver cego pelo amor-próprio, deles deve tomar a sua parte, visto que esses avisos e conselhos não visam somente uma ou duas pessoas.

Por melhor que seja o médium, não é jamais tão perfeito que não tenha algum lado fraco, do qual os Espíritos não tivessem ousado usar para fazer uma tentativa de enganá-lo. Bom médium é o que é enganado o menos frequentemente. Isto é permitido pelos bons Espíritos para que os médiuns possam exercer seu julgamento e aprendam a discernir o verdadeiro do falso.

As falsas comunicações que recebem, de tempos em tempos, são advertências para não se crerem infalíveis e não se tornem orgulhosos.

Duas condições são necessárias, aos médiuns, para que a palavra dos Espíritos superiores chegue pura; querer o bem, e enxotar o egoísmo e o orgulho.

De todas as imperfeições morais a que é explorada com maior habilidade, pelos Espíritos inferiores, é o orgulho, porque é a que cada um menos reconhece em si mesmo.

O bom médium nunca procura se prevalecer de suas faculdades, nem delas se fazem qualquer mérito. Aceita as comunicações que lhe são feitas, como uma graça, da qual deve se esforçar para ser digno e se humilha, porque crê sempre abaixo desse favor.

Em tese geral, pode-se afirmar que os Espíritos semelhantes chamam os Espíritos semelhantes, e raramente um Espírito superior se utiliza de médiuns levianos ou pouco sérios, quando têm à mão bons médiuns.

Quando uma comunicação nos parecer duvidosa, devemos passá-la pelo crivo da razão e da lógica, e o que a lógica e o bom senso reprovarem, rejeitamos, pois, mais vale repelir dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só falsa teoria.

Influência do Meio Ambiente

As condições do meio ambiente serão tanto melhores quanto haja homogeneidade para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de se instruir sem ideias preconcebidas.

Em uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres, eles não seriam assistidos, seguramente por Espíritos superiores, mas como nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas e como os

semelhantes se atraem, estes seriam assistidos por Espíritos que não hesitam em enganar, com falsos elogios. Portanto, o meio exerce forte influência sobre a natureza das manifestações.

Obsessão

Entre os principais obstáculos que apresenta a prática do Espiritismo está a obsessão que é a influência que alguns Espíritos exercem sobre certas pessoas. Esta influência é exercida, de certo modo, com a participação do obsedado, de forma consciente ou inconsciente, visto que temos nosso livre-arbítrio e que nesta vida não existem vítimas.

De acordo com o grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que produz, temos três principais variedades: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

Obsessão simples: na obsessão simples o médium reconhece sem esforço a fraude e raramente se engana. Este gênero de obsessão é simplesmente desagradável e não tem outro inconveniente além do de opor um obstáculo às comunicações que se gostaria de ter com Espíritos sérios.

Fascinação: a fascinação tem consequências mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium, e que atrapalha de alguma forma seu julgamento com respeito às comunicações. O médium não crê estar sendo enganado, pois o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega que lhe impede de ver a fraude e compreender o absurdo do que escreve ou fala, mesmo quando salta aos olhos de todo o mundo. Estão passíveis deste gênero de obsessão desde as pessoas mais simples até as mais instruídas, e a consequência é a aceitação de doutrinas bizarras, as mais falsas teorias como sendo a única expressão da verdade.

Subjugação: a subjugação produz consequências mais graves que a fascinação. Pode ser moral ou corporal. No primeiro caso o subjugado é

solicitado a tomar decisões absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, crê sensata. No segundo caso, agindo sobre a mente do subjugado, provoca movimentos involuntários. Pode provocar nos médiuns escreventes uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos e na falta de lápis ou caneta, simulam com o dedo.

Um meio de nos livrarmos e evitarmos ser obsedados é: **Orar e Vigiar**. Orar para termos forças para controlar nossas emoções; e vigiar nossos pensamentos.

Este é um assunto demasiado complexo para ser abordado, em sua totalidade, neste resumo.

Identidade dos Espíritos

A identidade absoluta dos Espíritos é uma questão secundária e sem importância, uma vez que é uma das questões mais controvertidas, mesmo entre os Espíritas. E sabemos que certos Espíritos tomam nomes emprestados, ao se comunicarem.

Como já dissemos um bom Espírito sempre transmite uma impressão agradável e um mau Espírito uma impressão desagradável. Essa impressão, agradável ou desagradável, é mais importante do que um nome, para a identificação, propriamente dita.

Julgam-se os Espíritos pela sua linguagem; se um Espírito se apresenta sob o nome de uma personalidade famosa culturalmente e transmite trivialidades e puerilidades, com certeza não é quem diz ser.

Muitos Espíritos, de ordem inferior, se adornam de um nome respeitável para dar crédito às suas palavras, comum nos Espíritos mais orgulhosos do que sábios e é contra essas espécies de substituições que devemos estar alerta e analisarmos sob o ponto de vista da razão, suas mensagens e descartarmos as ideias mais ridículas.

Os bons Espíritos jamais ordenam, não se impõem, aconselham, e, se não são escutados se retiram.

Os bons Espíritos não lisonjeiam, aprovam quando se faz o bem, mas com reservas, os maus dão elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade.

Em resumo, a questão do nome é secundária.

Evocações

Os Espíritos podem se comunicar espontaneamente ou virem ao nosso chamado, quer dizer, pela evocação.

Sem uma evocação direta, com frequência, um Espírito não teria nenhum motivo para vir até nós, a chamada direta feita a um Espírito determinado é uma espécie de barreira aos intrusos.

Não se evocando nenhum Espírito, em particular, é abrir a porta a todos que queiram se comunicar e em uma reunião isso pode tumultuar.

Quando de uma evocação devemos evitar perguntas secas e imperativas, ao contrário devem ser afetuosas e respeitosas, para não dar motivo de afastamento.

Muitas vezes, os Espíritos mais simples nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades das quais os Espíritos superiores nos ensinam a teoria.

A evocação de Espíritos mais simples tem outra vantagem que é a de nos colocar em contato com Espíritos sofredores, que se podem aliviar e aos quais se pode facilitar o adiantamento por conselhos. Seria egoísmo de nossa parte procurar senão nossa própria satisfação na conversa com Espíritos superiores. De que nos serve obter belas recomendações dos Espíritos de elite, se isso não nos tornar melhores, mais caridosos e mais benevolentes para com nossos irmãos sofredores deste mundo e do outro?

Por mais distantes que estejam os Espíritos evocados, recebem o impacto do pensamento e se dirigem na direção de onde veio o pensamento. Pode-se dizer que ouvem o pensamento, como na Terra ouvimos a voz. Mas o Espírito evocado pode se recusar a atender ao ser chamado, pois ele possui o livre-arbítrio e todos os Seres do Universo não estão à nossa disposição.

Tudo o que fazemos aqui na Terra, é semelhante ao que se faz no Mundo Espiritual, mas só que mais limitado, por exemplo: lá a comunicação é pelo pensamento, com distância ilimitada, aqui é pela voz com distâncias limitadas.

As evocações devem ser feitas, preferencialmente, com dias e horas fixados e se possível no mesmo lugar, pois aí os Espíritos vão naturalmente.

A matéria não tem nenhuma ação sobre os Espíritos e, portanto, objetos, tais como medalhas e talismãs não têm o poder de atraírem ou repelirem os Espíritos.

Após o desencarne, o Espírito passa por um período de perturbação, que é bastante variável, durante o qual pode não se reconhecer e, por isso não se pode ter um prazo fixo para a evocação. Oito dias é um prazo bastante razoável para que o Espírito possa responder, mas como a duração da perturbação é muito variável, pode-se tentar uma evocação, mas com cautela e por médiuns experientes e em ambientes apropriados.

A encarnação do Espírito não é um obstáculo absoluto à sua evocação, mas é preciso que o estado do corpo físico permita ao Espírito desprender-se nesse momento. Esse momento, de liberdade, ocorre quando o corpo está dormindo ou dormitando.

O corpo não pode despertar antes de o Espírito reentrar nele, pois a Alma não está jamais completamente separada do corpo físico, a qualquer distância que se transporte a ele se prende por um cordão fluídico que serve para chamá-la de volta, quando necessário, e este cordão só se rompe com o desencarne.

Tanto um Espírito como uma Alma, ao ser evocado, não pode ser constrangido a dizer o que não quer, pois ele tem seu livre-arbítrio e pode sempre escapar às importunações indo-se, porque não se pode reter um Espírito ou uma Alma, como se retém seu corpo.

Deve-se evitar evocar crianças de pouca idade, as pessoas gravemente enfermas, os velhos enfraquecidos e todas as vezes que o corpo esteja muito fraco.

Deve-se dar a maior importância ao modo de se colocar as perguntas, e, mais ainda, à natureza das questões. As perguntas devem ser feitas com clareza e precisão, evitando-se perguntas complexas. Quando o assunto requer uma série de perguntas, é essencial que elas se encadeiem, com método, de modo a decorrerem naturalmente umas das outras. Por essa razão é sempre muito útil prepará-las com antecedência, evitando-se assim passar sem transição de um assunto a outro.

Observações Finais

Aquele que quer tudo conhecer numa ciência deve ler tudo ou pelo menos as coisas principais que estão escritas sobre a matéria; os prós e os contras, as críticas como também as apologias, a fim de poder julgar pela comparação. Pois, para termos nossa própria opinião devemos conhecer pelo menos duas diferentes para tirarmos a nossa própria conclusão. Assim se um muro é vermelho de um lado e branco do outro, aquele que não a tenha visto senão de um lado afirmará que é vermelho, o outro que é branco; todos os dois estarão em erro e com razão, mas só quem tenha visto o muro dos dois lados estará com a verdade.

O Céu e o Inferno

1

A Justiça Divina Segundo o Espiritismo

O Futuro e o Nada

Após a morte para onde vamos? Em que nos tornaremos? Seremos ou não seremos? É tudo ou nada? Viveremos eternamente, ou tudo se acabará sem retorno? Vale a pena pensar nisso.

Com relação ao futuro, o ser humano tem três possibilidades: o nada, a absorção ou a individualidade da Alma antes e depois da morte.

Para a crença no nada, no materialismo, a inteligência do ser humano é uma propriedade da matéria; nasce e morre com o organismo. O ser humano é nada antes, nada depois da vida corpórea; o que leva o ser humano a pensar em si antes de tudo, para ele a felicidade, neste mundo, é do mais esperto, não há porque se preocupar com o futuro, pois após a morte tudo estará acabado. Há coisa mais desesperadora do que esse pensamento da destruição absoluta? Qual a necessidade de se tornar melhor, de se esforçar para aprender, se a vida não durar mais do que um instante que vai do berço ao túmulo?

A crença no nada é antissocial, porque rompe os verdadeiros laços da solidariedade e da fraternidade; fundamentos das relações sociais.

A doutrina da Absorção no Todo Universal (Doutrina Panteísta) nega ser materialista, pois admite a existência de um princípio inteligente fora da matéria. Segundo esta doutrina, cada indivíduo assimila, ao nascer, uma parcela do Todo Universal, que constitui sua alma, lhe dá a vida, a inteligência e o sentimento. Na morte, essa alma é absorvida pelo Todo Universal e se perde

no infinito, como uma gota de água no Oceano. Certo número de panteísta admite que a alma, conserva a sua individualidade durante um tempo indefinido, e que ela não retorna senão depois de ter chegado ao último grau de perfeição.

Essa doutrina é um passo adiante sobre o materialismo, uma vez que admite a existência de um algo a mais além da matéria, mas suas consequências são as mesmas. Senão vejamos: para o materialista, após a morte; o nada, pela doutrina da Absorção no Todo Universal perde-se a individualidade; é como se não existíssemos mais como indivíduos únicos. Por essa teoria o importante é a conservação do Todo Universal, portanto, todas as relações sociais e afetivas, todo o aprendizado e crescimento individual estarão rompidos.

A individualidade da Alma antes e depois da morte é sem dúvida a base de todas as religiões desde que o mundo existe. Essa individualidade é que norteia a evolução de cada Alma. Essa evolução depende das suas qualidades pessoais e das responsabilidades de seus atos; mas para que sejam responsáveis, é preciso que sejam livres para escolher entre o bem e o mal. Sem essa liberdade, sem o livre-arbítrio, há fatalidade, e com a fatalidade não há responsabilidade.

O Espiritismo tem como um de seus princípios a individualidade da Alma antes e depois da morte; a crença no livre-arbítrio e como decorrência, a responsabilidade pelas nossas ações, boas ou más e assim determinamos nossa evolução mais rápida ou mais lenta, ou seja, determinamos nosso futuro.

Temor da Morte

O temor da morte é consequência do instinto de conservação, comum a todos os seres vivos e um efeito da sabedoria da Providência. O instinto de conservação é necessário enquanto o ser humano não estiver bastante esclarecido sobre as condições da vida futura. À medida que o ser humano

evolui e compreende melhor a vida futura, o medo da morte diminui; e, ao mesmo tempo, compreendendo melhor a sua missão na Terra, ele espera seu desencarne com mais calma, resignação e sem medo. A certeza da vida futura imprime outro curso às suas ideias, outro objetivo aos seus trabalhos; trabalha tendo em vista o futuro sem negligenciar o presente, porque sabe que seu futuro depende da direção que der ao presente. A fraternidade tem sua razão de ser, e a caridade um objetivo, no presente e no futuro.

O temor da morte prende-se, pois, à insuficiência de noções sobre a vida futura, e que a destruição do corpo seja o fim de tudo.

Para os Espíritas a vida futura não é uma hipótese, mas uma realidade; a Alma não é uma abstração que o pensamento abarca e concebe, tem corpo etéreo que faz dela um ser definido. A morte é como uma libertação, como a porta da vida e não como a porta do nada.

O Céu

Em geral, chamamos de céu o espaço indefinido que circunda a Terra, mais particularmente a parte que está acima do horizonte. Os antigos acreditavam na existência de vários céus superpostos, formando esferas concêntricas das quais a Terra era o centro. Essa ideia se devia à falta de conhecimentos astronômicos; segundo opinião comum havia sete céus, exprimindo cada um deles os diversos graus de beatitude, daí a expressão: estar no sétimo céu, para exprimir uma felicidade perfeita.

As diferentes doutrinas concernentes à morada dos bem-aventurados repousam sobre o duplo erro: que a Terra é o centro do Universo, e que a região dos astros é limitada. E é para além desse limite imaginário que se coloca, erroneamente, a morada de Deus.

A ciência mostrou a nulidade dessas teorias. A Terra não é o eixo do Universo, mas um pequeno astro; o próprio Sol não é senão o centro de um

sistema planetário; as estrelas são inumeráveis sóis ao redor dos quais circulam mundos inumeráveis. Este conjunto todo é regido por leis eternas onde se revela a sabedoria do Criador. Pergunta-se se Deus teria feito da Terra a única sede da vida e aí relegado suas criaturas? Tudo, ao contrário, anuncia que a vida está por toda a parte, que a Humanidade é infinita como o Universo. A ciência nos tem revelados mundos semelhantes à Terra, Deus não poderia tê-los criado sem um objetivo; sem tê-los povoado de seres capazes de governá-los.

O ser humano é composto do corpo material e do Espírito. O Espírito é o ser principal, o ser da razão, o ser inteligente; o corpo é o envoltório material que reveste, temporariamente, o Espírito para cumprimento de sua missão na Terra e a execução do trabalho necessário à sua evolução. Com a morte do corpo material o Espírito reentra no mundo espiritual de onde saiu para encarnar e de onde sairá, novamente para reencarnar e assim sucessivamente, pois a vida não tem solução de continuidade.

Há, pois, o mundo corporal, composto de Espíritos encarnados, e o mundo espiritual, composto de Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal estão ligados à Terra ou a um globo qualquer; o mundo espiritual está por toda parte, ao nosso redor e no espaço, sem nenhum limite.

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com aptidão de tudo adquirir e progredir, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso, adquirem novos conhecimentos, novas faculdades e novas percepções. A felicidade está em razão do progresso alcançado, de sorte que de dois Espíritos, um pode ser mais adiantado intelectual e moralmente do que o outro, em função das ações tomadas. Portanto, o progresso dos Espíritos, encarnados ou não, é o fruto do seu próprio trabalho, mas como são livres, trabalham com mais ou menos afínco, para seu adiantamento, por isso uns avançam rapidamente e outros lentamente. O Espírito que permanece em atraso não pode disso culpar senão a si mesmo.

O progresso intelectual e o progresso moral, raramente evoluem igualmente, é a razão pela qual se veem homens inteligentes e instruídos poucos avançados moralmente, e vice-versa. Deus que é soberanamente bom e justo concede ao Espírito tantas existências quantas necessárias para atingir a perfeição. Em cada existência, o Espírito leva o que adquiriu nas precedentes, em conhecimentos intuitivos; cada existência é, assim, um passo adiante no caminho do progresso.

O Espírito progride igualmente desencarnado, na erraticidade, como encarnado, na Terra ou em outros mundos. Na erraticidade haure conhecimentos especiais que não poderia adquirir encarnado; suas ideias se modificam. O estado corporal e o estado espiritual são as fontes de dois gêneros de progresso, solidários um com o outro, por isso passa, alternativamente, por esses dois modos de existência.

Entre os mundos, há os mais avançados e os mais atrasados do que a Terra. Nos mais avançados se cumprem condições menos penosas física e moralmente, sendo os corpos quase fluídicos não estão sujeitos a doenças e enfermidades, vivem em paz, sem outro cuidado senão com seu adiantamento pelo trabalho da inteligência; comparados com a Terra esses mundos são verdadeiros paraísos, neles reina a fraternidade, porque não há egoísmo, igualdade porque não há orgulho, liberdade porque não há repressão sobre os mais fracos. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à depuração de Espíritos imperfeitos, o mal nela existe, até que pelo nosso progresso moral ele seja eliminado e praza a Deus fazer da Terra morada de Espíritos mais avançados.

A felicidade dos Espíritos evoluídos não consiste na ociosidade contemplativa, é, ao contrário, uma constante atividade. As atribuições dos Espíritos são proporcionais ao seu adiantamento, às suas capacidades e ao grau de confiança que inspiram; nada de privilégios, nada de favores, e tudo é medido ao peso da estrita justiça. Há ocupações para todas as capacidades,

todas as aptidões e para todas as boas vontades; as ocupações são aceitas com alegria, solicitadas com ardor, porque é um meio de adiantamento para os Espíritos que aspiram a se elevarem.

Há atividades, por toda a parte do Universo, desde a base até o alto da escala evolutiva, umas no estado de encarnação, outras no estado de Espírito.

Embora os Espíritos estejam por toda a parte, os mundos são sedes onde eles se reúnem, de preferência, em razão da semelhança de pensamento e comportamento que existe entre eles, mas, nada os cercam nem serve de limites.

O Inferno e o Purgatório

Em todos os tempos, as pessoas acreditaram, por intuição, que a vida futura deveria ser feliz ou infeliz, em razão do bem ou do mal que se faz neste mundo. O ser humano primitivo não podendo entender senão o que via, copiou seu futuro do presente; o quadro que se fez dos castigos da vida futura não era senão o reflexo dos males da Humanidade, assim os habitantes dos climas quentes imaginaram um inferno de fogo e os das regiões boreais, um inferno gelado, onde reuniam todas as torturas, todos os suplícios e todas as aflições; por isso, com algumas diferenças apenas de forma, os infernos de todas as religiões se assemelham.

Comparado à justiça humana, o inferno é o local de detenção perpétua e o purgatório o local de detenção temporária. Sem o purgatório, não há para os Espíritos senão duas alternativas extremas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. O purgatório é um dogma mais racional e mais de acordo com a justiça de Deus, mesmo assim incompleto, pois os Espíritos não saem dele senão em virtude das preces e não em consequência de seu adiantamento.

Cada existência é, para o Espírito, a oportunidade de um passo adiante; de sua vontade depende que esse passo seja o maior possível, de vencer vários

escalões ou permanecer no mesmo ponto; neste último caso viveu sem proveito, mas terá de recomeçar, pois a marcha para a evolução é inexorável. É, pois, nas encarnações sucessivas que o Espírito se despoja, pouco a pouco, de suas imperfeições, até que esteja evoluído o suficiente para merecer trocar os mundos de expiação pelos mundos mais felizes.

Podemos considerar que o purgatório é uma realidade, está no mundo dos Espíritos (Umbral) e no mundo físico, como a Terra, em ambas as realidades os seres humanos, desencarnados, ou encarnados, expiam seu passado e seu presente em proveito de seu futuro. E depende de cada um abreviar ou prolongar a sua estada em cada um deles; e deles sai, não porque terminou seu tempo ou por méritos de outrem, mas pelo seu próprio mérito, segundo as palavras de Jesus: “A cada um segundo as suas obras”, palavras que resumem toda a justiça de Deus.

A liberdade que nos é concedida, de apressar ou retardar nossa evolução é prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que o ser humano deva tudo aos seus esforços e seja o artífice de seu futuro. Não há, pois, para o Espírito senão duas alternativas: a punição temporária graduada segundo sua culpabilidade e a recompensa segundo seu mérito. **O Espiritismo repele a condenação eterna.**

2

Doutrina das Penas Eternas

As doutrinas das penas eternas, como a do inferno material, tiveram a sua razão de ser, quando esse temor podia ser um freio para pessoas pouco avançadas, intelectual e moralmente. Para tais pessoas, seriam necessárias crenças religiosas apropriadas à sua natureza ainda rude, uma religião muito espiritual, toda de amor e caridade, não poderia se aliar com a brutalidade dos costumes e das paixões. Não censuremos, pois Moisés, por sua legislação, ter feito de Deus um Deus vingativo; era necessário à sua época para conter o seu povo indócil.

À medida que os Espíritos foram se desenvolvendo, os seres humanos foram se tornando mais aptos para compreenderem as coisas espirituais, a ponto de Jesus poder anunciar um Deus clemente, falar de seu reino que não é desse mundo e dizer “Amai-vos uns aos outros”. Teria Deus criado, no tempo de Jesus, Espíritos mais avançados? Não; eram os mesmos Espíritos que durante várias existências foram adquirindo conhecimento suficiente para compreenderem uma doutrina mais elevada.

O caráter essencial das penas eternas é a ineficácia do arrependimento, mesmo sendo o ser humano lento para desfazer seus preconceitos, mas como já dissemos: a marcha para a evolução é inexorável, e sendo Deus infinitamente bom e justo não permitiria que ficássemos eternamente no embrutecimento.

A doutrina das penas eternas absolutas conduz à negação ou à diminuição de alguns atributos de Deus, ela é, portanto, irreconciliável com a perfeição infinita, donde podemos concluir que sendo Deus perfeito, a condenação eterna não existe.

3

As Penas Futuras Segundo o Espiritismo

Pelas filosofias espiritualistas o desenvolvimento dos órgãos cerebrais se deve às atividades do Espírito; que esse desenvolvimento é assim um efeito e não uma causa. O Espírito é, assim, artífice do seu próprio corpo, pois, se reage sobre o cérebro, deve reagir, igualmente sobre as outras partes do seu próprio corpo, a fim de apropriá-lo às suas necessidades. O Espírito aperfeiçoa o seu aparelhamento à medida que suas faculdades aumentam. Portanto, a ação do Espírito sobre o físico é evidente e veem-se, frequentemente, desordens orgânicas provocadas por comoções morais. Pode-se admitir que o temperamento é, pelo menos em parte, determinado pela natureza do Espírito. A carne não é fraca senão porque o Espírito é fraco, o que reverte a questão e deixa, ao Espírito, a responsabilidade de todos os seus atos. Há, portanto, para a cura, a necessidade de se levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo.

Para o Espiritismo, e em virtude da Lei do Progresso, todo Espírito tem a possibilidade de adquirir o bem que lhe falta, e se desfazer do que ele tem de mau, segundo seus esforços e sua vontade, disso resulta que um futuro feliz não está fechado para nenhuma criatura.

Toda falta cometida, todo mal realizado, é uma dívida contraída que deve ser paga; prolongar os seus sofrimentos pelo endurecimento no mal ou abreviá-los por seus esforços em fazer o bem, é sempre uma decisão do Espírito, que é árbitro de sua própria sorte. O arrependimento é o primeiro passo para a melhoria; mas só ele não basta; é preciso, ainda a reparação. A reparação consiste em praticar o bem em sentido contrário àquilo que se fez

de mal; por exemplo: ser moderado se foi dissoluto, trabalhador se foi preguiçoso, etc.

A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça, que se pode considerar como sendo a verdadeira lei de reabilitação moral dos Espíritos.

Ninguém é responsável senão pelas suas faltas pessoais; ninguém sofrerá as penas das faltas dos outros. O meio de evitar ou atenuar as consequências das penas, na vida futura, é delas se desfazer, o mais possível na vida presente, pois o quanto mais se retarda em repará-las mais penosa e rigorosa será a reparação que se deve cumprir.

Deus fez da felicidade o prêmio do trabalho e não do favor, a fim de que cada um dela tivesse o mérito; ninguém está livre de trabalhar ou de nada fazer para seu adiantamento; aquele que trabalha muito, e depressa, disso é mais cedo recompensado; aquele que se extravia do caminho ou perde o seu tempo, retarda a sua chegada, e isso não pode atribuir senão a si mesmo. O bem e o mal são voluntários e facultativos; sendo o ser humano livre, não é impelido nem para um nem para o outro.

A lei da justiça Divina: a cada um segundo suas obras, no céu ou na Terra.

Os Anjos

A quase totalidade das religiões teve, sob diversos nomes, anjos, que seriam seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os seres humanos. Anjos seriam, portanto, seres puramente espirituais anteriores e superiores à Humanidade, criaturas privilegiadas, destinadas à felicidade suprema e eterna desde a sua criação; dotadas por sua própria natureza, de todas as virtudes e de todos os conhecimentos, sem nada terem feitos para adquiri-los.

Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, disso não nega o Espiritismo; a diferença está na natureza e na origem desses seres.

Para o Espiritismo os Espíritos são criados simples e ignorantes, sem conhecimento e sem consciência do bem e do mal, mas aptos a adquirirem tudo o que lhes falta; adquirem-no pelo trabalho; o objetivo, que é a perfeição, é o mesmo para todos; alcançam-na mais ou menos prontamente, em virtude do seu livre-arbítrio e em razão dos seus esforços; todos têm os mesmos graus a percorrer, o mesmo trabalho a cumprir; Deus não faz nem mais longa nem mais fácil a uns do que a outros, porque todos são seus filhos, e, sendo justo, não tem preferência por nenhum.

Nas primeiras fases de suas existências, os Espíritos são como crianças, falta experiência e por isso são falíveis. Deus não lhes dá a experiência, mas dá os meios de adquiri-la; e, assim, pouco a pouco se desenvolvem, se aperfeiçoam e avançam na hierarquia espiritual, até que tenham, por seu próprio mérito, alcançado o estado de puro Espírito ou se quiser de anjo. Os anjos são, pois, as Almas dos seres humanos que chegaram ao grau de perfeição.

Deus, não teve, pois, a necessidade de criar seres privilegiados, isentos de obrigações; todos os novos ou os antigos conquistaram seus privilégios pelos próprios méritos; todos, enfim, são os filhos das suas obras. Assim se cumpre, igualmente, a soberana justiça de Deus.

Os Demônios

Em todas as épocas e em quase todas as religiões, os seres chamados de demônios desempenham grande papel; representam o Mal, assim como os Anjos representam o Bem.

Segundo algumas religiões os demônios seriam anjos que faliram moralmente e se comprazem de fazer, exclusivamente, o mal; mas se os anjos eram perfeitos como faliram?

Segundo o Espiritismo, nem os anjos nem os demônios são seres criados à parte; a criação dos seres inteligentes é una. Unidos a corpos materiais, eles constituem a Humanidade que povoa a Terra e outros mundos; separados do corpo, constituem o Mundo Espiritual ou dos Espíritos que povoam os espaços. Deus os criou perfectíveis, mas não lhes deu a perfeição, quis que a devessem ao seu trabalho pessoal, por seu próprio mérito. Desde a criação, progridem, seja no estado de encarnação, seja no estado espiritual; há uma cadeia ininterrupta, da qual cada elo marca um grau no progresso.

No Espiritismo, não se usa a denominação demônio, porque essa denominação se liga à ideia de seres distintos da Humanidade, de natureza essencialmente perversa, voltados ao mal pela eternidade e incapazes de progredirem no bem; o que contraria a Lei do Progresso e a Justiça Divina.

4

Proibição de Evocar os Mortos

Com relação à proibição de evocar os Espíritos dos mortos ou a negação da comunicabilidade, prevista na maioria das religiões, há uma contradição, porque se os Espíritos não pudessem se comunicar essa proibição seria inútil.

Para finalizar podemos dizer que repelir as comunicações de além-túmulo é rejeitar um poderoso meio de instrução que resulta, por si mesmo, em iniciação à vida futura, e exemplos que elas nos fornecem. A experiência nos ensina, além disso, o bem que se pode fazer desviando do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando aqueles que sofrem, a se libertarem do apego à matéria e se melhorarem.

Observação Final

A segunda parte deste livro são exemplos, relatos de passagens da vida de diversas pessoas e, portanto, não nos cabe resumi-las.

A Gênese

1

Introdução

Mundo Material e a Humanidade – Origem e Evolução

Este trabalho tem por objetivo o estudo de três pontos: A Gênese, os Milagres e as Predições, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritos.

Duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material; em se fazendo as abstrações de um deles, vários fenômenos seriam naturalmente inexplicáveis, como a formação da água seria inexplicável ao se fizesse abstração de um dos dois elementos que a constitui.

O Espiritismo demonstrando a existência do mundo espiritual e sua relação com o mundo material dá a chave de uma multidão de fenômenos que de outro modo seriam incompreendidos. A ação recíproca do Espírito e da matéria, tira da maioria dos fatos, o seu caráter sobrenatural, ao admiti-los como resultantes das Leis da Natureza.

2

A Gênese¹²

Caracteres da Revelação Espírita

Vamos, inicialmente, definir o sentido da palavra **revelação**.

Revelar, do latim **revelare**, cuja raiz é **velum**, véu, significa literalmente **sair de sob o véu**, e no sentido figurado: descobrir, fazer conhecer uma coisa desconhecida. Em sua acepção vulgar, a mais geral, diz-se de toda coisa ignorada que vem à luz, de toda ideia nova que se coloca na pista daquilo que não se conhecia; desse ponto de vista, todas as ciências que nos dão a conhecer os mistérios da Natureza são revelações. A Astronomia nos revelou o mundo astral; a Geologia, a formação da Terra; a Química, as leis da afinidade; a Fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier são, assim, reveladores.

O caráter essencial de toda revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo, é dar a conhecer um fato; se a coisa é falsa, não é um fato e, por consequência, não há revelação.

O papel do professor, diante de seus alunos, é de um revelador; o ensinamento é, pois, a revelação de certas verdades científicas, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram, e que sem esse ensinamento, as teriam sempre ignorado.

O professor ensina o que aprendeu; o ser humano de gênio ensina o que descobriu por si mesmo; produz luz que, gradualmente, se vulgariza. De tempos em tempos a Humanidade evolui, graças às revelações dos seres humanos de gênio.

O que são os seres humanos de gênio? Por que o são? De onde vêm? A maioria traz, em nascendo, faculdades transcendentais e conhecimentos inatos, que um pouco de trabalho basta para desenvolver. Pertencem, realmente, à Humanidade, uma vez que nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, haurem esses conhecimentos que não puderam adquirir em sua vida? A solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O ser humano de gênio é um Espírito, que além de ter vivido mais tempo, adquiriu mais conhecimentos e progrediu mais do que aqueles que estão menos avançados. Seus conhecimentos são frutos de um trabalho anterior, e não o resultado de um privilégio. Antes de reencarnar já era um Espírito adiantado; ele reencarna, seja para fazer os outros aproveitarem o que sabe, seja para adquirir mais conhecimentos.

Os seres humanos progridem, incontestavelmente, por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas esse progresso pode ser, em alguns casos, muito lento, se não são ajudados pelos mais avançados, como o escolar o é por seus professores. Todos os povos tiveram seus homens de gênio, que viveram, em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais. São os filósofos cujas ideias atravessam séculos.

Todas as religiões tiveram seus reveladores, e embora estivessem longe de haver conhecido toda a verdade, tiveram a sua razão de ser providencial; porque eram apropriados ao tempo e ao meio onde viveram e eram relativamente superiores aos povos aos quais falaram; por isso mesmo semearam os germes do progresso, que mais tarde deveriam desabrochar, ou desabrocharão.

Não ousaríamos afirmar nem negar, de maneira absoluta, se há revelações diretas de Deus para os seres humanos. O que não poderia ser duvidoso, é que os Espíritos mais puros e mais próximos de Deus transmitissem seus

pensamentos. Essas comunicações nada têm de estranhas para os espíritas, e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre encarnados e desencarnados. A maioria dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes; de onde não se segue que todos os médiuns sejam reveladores e ainda muito menos intermediários diretos da Divindade ou de seus mensageiros. Moisés e Jesus foram dois grandes reveladores que mudaram a face da Terra, e aí está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo espiritual, que nos envolve, as leis que o regem, suas relações com o mundo físico, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, em consequência, o destino das pessoas após a morte do corpo físico, é uma verdadeira revelação. O que caracteriza a revelação espírita é que sua fonte é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos, e que a elaboração resulta do trabalho do ser humano.

O Espiritismo, tomando por ponto de partida as palavras de Cristo, é uma consequência direta de sua doutrina; crê no Deus que quer ser amado e não temido, no Deus infinitamente bom e justo e não no Deus vingativo.

Os Espíritos ensinam exatamente o necessário e se abstêm de revelar o que o ser humano pode encontrar por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, de controlar e de tudo submeter ao cadinho da razão, deixando-o, frequentemente, adquirir experiência às suas custas. Pedir conselhos aos Espíritos não é dirigir-se às forças sobrenaturais, mas aos semelhantes, àqueles mesmos a quem nos teríamos dirigido em seu viver.

O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, modificar-se-á sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.

Deus

Como já vimos na primeira parte deste trabalho, Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. É eterno, único, soberanamente justo e bom.

Prova da existência de Deus: não há efeito sem causa. Deus é a causa de tudo o que não é obra do ser humano, senão seria admitir que o nada pudesse criar alguma coisa.

As leis que regem o Universo são imutáveis; a nossa compreensão é que evolui e muda.

A Providência

A providência é o cuidado de Deus para com suas criaturas. Deus está por toda a parte e tudo vê, tudo preside, mesmo às menores coisas; é nisso que consiste a ação providencial.

Deus existe; disso não podemos duvidar; ser infinitamente justo e bom é sua essência; a sua solicitude se estende a todos; não pode, pois, querer senão nosso bem e é por isso que devemos ter confiança Nele.

A Visão de Deus

Uma vez que Deus está por toda a parte, por que não o vemos? As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por órgãos materiais; não é senão pela visão espiritual que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo espiritual; só a nossa Alma, pois, pode ter a percepção de Deus. A visão de Deus é um privilégio dos Espíritos depurados, e que assim, bem poucos possuem o grau de desmaterialização necessário, ao deixar seu envoltório terrestre. Tentemos exemplificar: aquele que está no fundo de um vale, mergulhado em brumas espessas, não vê o Sol; entretanto pelo calor da luz difusa julga a sua presença. À medida que sobe a montanha, o nevoeiro se

clareia, a luz torna-se mais viva, mas ainda não vê o Sol, mas O sente com mais intensidade. Somente depois de estar elevado acima da camada brumosa, encontrando-se num ar perfeitamente puro, que O vê em todo o seu esplendor.

A linguagem humana é impotente para descrevê-Lo, porque não existe, para nós, nenhum ponto de comparação que, Dele, possa dar uma ideia. É como se tentar explicar a um cego as cores de um arco-íris.

O Bem e o Mal

Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e sendo este princípio todo sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo o que dele procede deve participar de seus atributos, porque é infinitamente sábio, justo e bom, nada pode produzir de insensato, de mau e de injusto. Portanto, o mal que observamos não deve ter sua fonte. Nele. Entretanto o mal existe e tem suas causas.

Podemos distinguir duas categorias de mal: os males que o ser humano cria para si mesmo e os que independem de sua vontade. Entre esses últimos, estão os flagelos naturais.

Os flagelos naturais são consequências da evolução do mundo físico; o ser humano recebeu uma inteligência, com a ajuda da qual pode atenuar os seus efeitos; quanto mais o ser humano adquire saber e avança em civilização, menos esses flagelos serão desastrosos. Devendo o ser humano progredir, os flagelos naturais são um estimulante para o exercício de sua inteligência, de suas faculdades físicas e morais.

Mas os mais numerosos males são aqueles que o ser humano cria para si mesmo, pelos seus próprios vícios, pelo seu egoísmo, pelo seu orgulho e seus excessos em todas as coisas; aí está a causa das guerras e das calamidades que elas arrastam, dissensões, injustiças, opressão do fraco pelo forte, enfim, a maioria das doenças físicas e morais.

Pode-se dizer que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. Deus quis que a perfeição fosse o resultado da depuração gradual do Espírito; quis que o Espírito, em virtude de seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal e que chegasse, por seu próprio mérito, à perfeição resistindo a todo o mal; é o abuso que constitui o mal, mais tarde pelo seu próprio interesse escolherá livremente o caminho do bem.

O Instinto e a Inteligência

O instinto se revela, nos seres vivos, por atos espontâneos e involuntários visando a preservação. Nos atos instintivos não há reflexão, nem premeditação. É assim que a planta se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutritiva; é pelo instinto que os animais se dirigem, segundo as estações, para os climas propícios, etc. Entre os seres humanos, o instinto domina, principalmente, no início da vida; é pelo instinto que o bebê suga o seio materno, chora para exprimir suas necessidades, que ensaia o falar e o andar. No adulto certos atos são instintivos, tais como: movimentos espontâneos para evitar um perigo; para manter o equilíbrio; o pestanejo das pálpebras para atenuar o clarão da luz, etc.

A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados segundo a oportunidade das circunstâncias.

A inteligência e o instinto, com frequência, se mostram simultaneamente no mesmo ato. No andar, o movimento das pernas é instintivo; mas acelerar ou moderar o passo, desviar de um obstáculo é um ato de inteligência. O animal carnívoro é levado, pelo instinto, a se alimentar de carne; mas as precauções que toma para apanhar sua presa, e que variam segundo as circunstâncias, são atos de inteligência.

O instinto é um guia seguro, mas enfraquece-se pela predominância da inteligência.

O que separa os seres humanos, dos animais é o **princípio do sentido moral**.

Destruição dos Seres Vivos Uns pelos Outros

Nos seres inferiores da criação, naqueles em que o senso moral não existe, ou a inteligência, ainda, não substituiu o instinto, a luta tem por móvel a satisfação de uma necessidade material e uma das mais imperiosas necessidades é a nutrição; lutam unicamente para viver. É nesse primeiro período que o Espírito se elabora e ensaia para a vida.

No ser humano, há um período de transição no qual ele quase não se distingue do animal; nas primeiras idades, o instinto animal domina, e a luta tem, ainda, por motivo a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentido moral se contrabalançam; o ser humano, então, luta, não mais para se nutrir, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, a necessidade de dominar; para isso é, ainda, preciso destruir. Mas à medida que o senso moral predomina, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade da destruição diminui e a luta torna-se puramente intelectual; o ser humano luta contra suas dificuldades, e não mais contra seus semelhantes.

Papel da Ciência na Gênese

A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a da sua religião; as explicações referentes ao princípio das coisas e da Humanidade se prendem aos conhecimentos da época de seus fundadores. Disso resulta que os primeiros livros sagrados foram, ao mesmo tempo, os primeiros livros de ciência, como foram, durante muito tempo, o único código das leis civis.

A Gênese compreende duas partes: a formação do mundo material e a da Humanidade; o princípio corpóreo e o espiritual.

De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos dados científicos modernos, malgrado os erros que ela encerra, é a de Moisés. Alguns erros provêm da falsa interpretação de certas palavras, cujo significado primitivo se perdeu, ao passar de idioma em idioma, pela tradução. A ciência, levando suas investigações até as entranhas da Terra e a profundeza dos céus, tem demonstrado, de maneira irrecusável, os erros da Gênese mosaica, presa à letra, e a impossibilidade material de que as coisas tenham se passado assim como estão textualmente reportadas; ela tem por isso mesmo ferido profundamente as crenças populares.

Se a religião sofre, em algumas partes, de suas contradições, o erro não se deve à ciência, mas aos homens, por terem fundado, prematuramente, dogmas absolutos dos quais fizeram uma questão de vida ou morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Para o ser humano a formação do mundo material não toca senão indiretamente; o mais importante diz respeito ao problema de seu passado e de seu futuro. O que importa antes de tudo, é saber de onde vem, para onde vai; se já viveu, e se viverá ainda, e qual sorte lhe está reservada. Sobre estas questões a ciência está muda.

Mesmo para as religiões que estão de acordo sobre o princípio da existência da alma, divergem sobre a sua origem, seu passado e seu futuro, pela impossibilidade de demonstrá-la; e a incerteza, sobre as coisas da vida futura, faz com que o ser humano se arroje sobre as coisas da vida material.

O Espiritismo, com ajuda das faculdades medianímicas, é experimental; a mediunidade foi, para o mundo espiritual, o que o telescópio foi para o mundo astral, e o microscópio para o mundo dos infinitamente pequenos.

O mundo espiritual e o mundo material, estando em contato incessante, são solidários um com o outro; ambos têm sua parte de ação na Gênese. Essas duas chaves são indispensáveis, para se chegar a uma solução, mesmo que aproximada.

Sistemas do Mundo Antigo e Moderno

A ideia primeira que os seres humanos fizeram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo, deve ter sido, em sua origem, unicamente baseada nos sentidos; pela ignorância das mais elementares leis, da física e das forças da Natureza, não podiam julgar senão pelas aparências.

Vendo o Sol aparecer, pela manhã, em um lado do horizonte, e desaparecer, à tarde, do lado oposto, concluíram que ele girava em torno da Terra.

Pela pouca extensão das viagens que, raramente, ultrapassavam os limites da tribo ou do vale, não podiam constatar a esfericidade da Terra.

O céu, aparecendo sob a forma côncava, era uma abóbada real, cujas bordas inferiores repousavam sobre a Terra, e lhe marcavam os limites; vasta cúpula da qual o ar enchia toda a capacidade.

As estrelas, das quais não podia supor a natureza, eram simples pontos luminosos, pregados na abóbada, por conseguinte, todos à mesma distância da Terra.

A formação das nuvens pela evaporação das águas da Terra era, então, igualmente desconhecida; não podiam ter o pensamento que a chuva que cai do céu tivesse sua origem na Terra. Daí a crença na existência das águas superiores e das águas inferiores.

Essas ideias foram, durante períodos seculares, o fundo das crenças religiosas, e serviram de base para as cosmografias antigas.

Graças a diversas observações, como por exemplo: que certas estrelas tinham movimento próprio, o que não permitia mais supor que estivessem pregadas na abóbada; foram chamadas de estrelas errantes; no movimento diurno da abóbada estrelada, nota-se a imobilidade da estrela polar, ao redor da qual as outras estrelas descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos paralelos, maiores ou menores, segundo a sua distância da estrela central; este foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade do eixo da Terra; foi assim que, pouco a pouco, se fez uma ideia mais justa do sistema do mundo.

Cerca de 600 anos antes de Cristo, Thales, de Mileto (Ásia Menor), descobre a esfericidade da Terra, a obliquidade da trajetória aparente do Sol sobre a esfera celeste e a causa dos eclipses.

Um século mais tarde, Pitágoras, descobre o movimento diurno da Terra sobre seu eixo, seu movimento anual ao redor do Sol, e liga os planetas e os cometas ao sistema solar.

Perto do ano 140 da era cristã, Ptolomeu, da escola de Alexandria, combinando as suas próprias ideias com crenças populares e algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compõe um sistema que leva seu nome, e que durante quase quinze séculos, foi o único adotado no mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera no centro do Universo; a Lua, os planetas e o Sol giravam em torno da Terra.

No começo do século XVI, Copérnico, célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia), repete as ideias de Pitágoras e derruba o sistema de Ptolomeu. Segundo esse sistema o Sol está no centro, os planetas descrevem órbitas circulares ao redor deste astro; a Lua é um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, Galileu, nascido em Florença, inventa o telescópio; reconhece que os planetas não têm luz própria, como as estrelas, mas são iluminados pelo Sol; que eles são esferas semelhantes à Terra; observa

as suas fases, determina a duração da sua rotação, sobre seu eixo; dá assim, com provas materiais, uma sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

A partir de Copérnico e de Galileu as velhas cosmografias foram destruídas; a astronomia não podia senão avançar. Desmorona o alicerce dos céus superpostos, os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra; as inumeráveis estrelas como centros prováveis de outros sistemas planetários. As estrelas não estão mais confinadas num espaço limitado, mas irregularmente disseminadas no espaço sem limite. Os grupos a que se deu o nome de **constelações** não são senão conjuntos aparentes causados pela distância; suas figuras são efeitos de perspectiva, mas esses conjuntos não existem na realidade.

O caminho estava, doravante, aberto por onde ilustres e numerosos sábios iriam entrar para completar a obra esboçada, tais como: Kepler, na Alemanha, descobre as leis que levam seu nome, com a ajuda das quais reconhece que os planetas descrevem órbitas elípticas, das quais o Sol ocupa um dos focos; Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravitação universal; Laplace, na França, cria a mecânica celeste. A astronomia, enfim, não é mais um sistema fundado sobre conjecturas ou probabilidades, mas uma ciência estabelecida sobre bases, as mais rigorosas, do cálculo e da geometria. Assim se acha posta uma das pedras fundamentais da Gênese, cerca de três mil e trezentos anos depois de Moisés.

O Espaço e o Tempo

O espaço é um desses termos evidente por si mesmo, e que tem diversas definições; a principal é: a extensão que separa dois corpos.

Imaginemos uma viagem, à velocidade da luz, onde transporemos sistemas de mundos a cada passo que avançamos, e que Deus semeou os mundos com

a mesma profusão que semeou as plantas terrestres; daí podemos deduzir que o espaço é infinito, pela razão de que é impossível supor-lhe algum limite.

O tempo, como o espaço, é uma palavra definida por si mesma; é a medida relativa da sucessão das coisas transitórias; está ligado à eternidade, que não é suscetível de nenhuma medida do ponto de vista da duração.

Se os séculos dos séculos são menos que um segundo em relação à eternidade, o que é a duração da vida humana?

A Matéria

Todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, seja do ponto de vista da sua constituição íntima, seja sob o aspecto da sua ação recíproca, não são, de fato, mais do que modos diversos sob os quais a matéria se apresenta.

As ciências, a química, a física, etc., cujos progressos foram rápidos mostraram que o elemento terrestre não é senão a combinação de substâncias diversas; que o ar e a água são igualmente decomponíveis e que o fogo, longe de ser, um elemento principal, não é senão um estado da matéria. **Os corpos simples**, considerados como primitivos e indecomponíveis, e que nenhuma operação, até esse dia¹³, poderia reduzi-los em partes relativamente mais simples do que eles mesmos foram considerados, na época, como os principais corpos simples: o oxigênio, o hidrogênio, o carbono, o ouro, a prata, o zinco, o cálcio, o alumínio, etc.

As Leis e as Forças

Imaginemos que um dos seres que vivem nas profundezas dos oceanos, recebesse, de repente, o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu

mundo; que ideia formaria da natureza vivente, que se desenvolve em seu meio e no mundo terrestre que não pertence ao campo de suas observações?

Se, por outro efeito maravilhoso, esse mesmo ser chegasse a se elevar acima da superfície do mar, perto de uma ilha de vegetação esplêndida, banhada de um Sol fecundo, que julgamento faria, então, sobre suas teorias antecipadas da criação universal, teoria que se apagaria logo diante de uma apreciação mais ampla, mas ainda relativamente tão incompleta como a primeira? Esta é a imagem de nossa ciência toda especulativa. Esta é a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, depois de se despojarem do envoltório carnal. Compreendem, então, o vazio das teorias unicamente materialista e são forçados a reconhecerem a sua cegueira e o quanto estavam longe da verdade.

Procuraremos expor uma noção geral das leis universais, sem explicar, com detalhes, o modo de ação e a natureza das forças especiais que delas dependem.

Há um fluido etéreo que preenche o espaço e penetra os corpos, este fluido é a **matéria cósmica** primitiva, geradora do mundo e dos seres. São-lhes inerentes as forças que presidem às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas formas múltiplas, indefinidamente variáveis segundo as combinações da matéria, diversificadas em seus modos de ação segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas, na Terra, sob os nomes de **gravidade, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa, som, calor, luz, etc.**

Todas essas forças são eternas e universais como a criação; sendo inerentes ao fluido cósmico, atuam, em tudo e por toda a parte, governando os trabalhos maravilhosos da Natureza, assegurando, para sempre, o eterno esplendor da criação.

¹² Formação dos seres, desde a origem. Primeiro livro da Bíblia, onde se narra a origem do universo e do ser humano.

¹³ Considerar que este livro foi publicado em 1868.

3

A Criação Primeira

O começo absoluto das coisas remonta a Deus; por isso, a qualquer época que recuemos nossa imaginação, aos limites supostos da criação, restará sempre, além desses limites, uma eternidade.

O mundo, no seu berço, não foi estabelecido na sua plenitude de vida; o Universo nasceu criança. Ao impulso inicial inerente à sua própria formação, a matéria cósmica primitiva dá, sucessivamente, nascimento a aglomerações desse fluido difuso, que se dividem e se modificam ao infinito, para darem a luz, a diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Mesmo antes da formação da Terra e do nosso próprio sistema solar, já outros planetas existiam e davam a vida a multidões de seres que nos precederam na carreira humana; a criação universal não está limitada em nós, e não podemos aplicar esta palavra à formação isolada de nosso pequeno globo.

A Criação Universal

A matéria cósmica primitiva encerra os elementos materiais, fluídicos e vitais, de todos os universos que expõem a sua magnificência diante da eternidade, ela é a geratriz eterna. Ela não desapareceu; esta substância da qual provêm as esferas siderais não está morta; essa força dá, incessantemente, a luz a novas criações; Deus criou sempre, cria sem cessar e criará sempre.

O mundo espiritual, também faz parte da criação e cumpre os seus destinos segundo as prescrições do Senhor. O Espírito só recebe a iluminação divina, que lhe dá ao mesmo tempo o livre-arbítrio, a consciência e a noção de seus altos destinos, senão após ter passado pela série, divinamente fatal, dos

seres inferiores, entre os quais se elabora, lentamente, a obra da sua individualidade; é somente a partir do dia em que o Senhor imprime sobre sua fronte o seu augusto tipo, que o Espírito toma lugar entre as humanidades.

Os Sóis, os Planetas, os Satélites, os Cometas, a Via Láctea, as Estrelas Fixas e os Desertos do Espaço

Em um ponto do Universo, a matéria cósmica se condensa sob a forma de uma imensa nebulosa. Esta nebulosa está animada das leis universais que regem a matéria; em função dessas leis e, inicialmente, em função da força molecular de atração, ela toma a forma de um esferoide; em seguida o movimento circular produzido pela gravitação, modifica a esfera inicial, de movimento em movimento, para a forma lenticular. A força centrífuga que surgiu, em consequência desse movimento, vai se acelerando à medida que a nebulosa se condensa; seu raio vai aumentando ao ponto de se destacar dela, uma massa, isolada da primeira, mas submissa à sua atração e que adquire o movimento de translação ao redor do astro solar.

A nebulosa geratriz (nosso Sol, por exemplo), que deu nascimento a esse e outros mundos (a Terra, por exemplo), condensou-se e retoma sua forma esférica, mas conserva seu calor primitivo, que vai enfraquecendo, senão com extrema lentidão. Antes que as massas dos planetas houvessem atingido um grau de resfriamento suficiente para nelas operar solidificações, massas menores, verdadeiros glóbulos líquidos, se destacam e por um processo semelhante à formação dos planetas, formam-se os satélites (a Lua, por exemplo) e passam a girar em torno do planeta gerador. Assim são formados os sóis, os planetas, os satélites e os outros corpos celestes.

Os cometas são astros errantes, mais ainda do que os planetas. Durante as noites estreladas e sem lua, pode-se observar um clarão esbranquiçado que atravessa o céu, de uma extremidade a outra, e por causa de sua aparência

leitosa foi denominada de **Via Láctea**. Formada por milhões de sóis, mais luminosos e mais importantes que aquele que nos ilumina. A própria Via Láctea que, na imensidão das criações siderais, não representa, ela mesma, senão um ponto insensível e inapreciável, porque ela não é outra coisa do que uma nebulosa estelar como existe milhares delas no espaço. Se a Terra não é quase nada, no sistema solar e este quase nada, na Via Láctea e esta quase nada, na universalidade das nebulosas, e esta universalidade, ela mesma, muito pouca coisa no meio do imenso infinito, compreendemos a pequenez do globo terrestre.

As estrelas, chamadas de fixas, não estão imóveis no firmamento, assim, como as constelações que figuram na abóbada do firmamento, não são criações simbólicas reais. A distância da Terra e a perspectiva sob a qual se mede o Universo desde essa posição, são duas causas dessa dupla ilusão de óptica.

A totalidade dos astros é animada por um movimento próprio de translação no espaço; o repouso absoluto não existe em nenhuma parte. São regidos pelas Leis Universais e rolam, não segundo rotas traçadas pelo acaso, mas segundo órbitas fechadas, cujo centro é ocupado por um astro superior.

Um deserto imenso, sem limites, se estende além das aglomerações de estrelas, e as envolve. Esse deserto celeste, entretanto, que envolve o nosso universo sideral, é abarcado pela visão e pelo poder infinito do Mais Alto, que, para além desses céus de nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

Sucessão Eterna dos Mundos, Vida Universal e a Diversidade de Mundos

Uma única lei, primordial e geral, foi dada ao Universo para assegurar-lhe a estabilidade eterna; ela preside, igualmente, à destruição dos astros, porque a

morte não é uma metamorfose unicamente do ser vivo, mas, ainda, uma transformação da matéria inanimada. Esses elementos vão retornar a essa massa comum do éter, para se assimilarem a outros astros, ou regenerar outros sóis; e essa morte não será um acontecimento inútil, ela renovará, em outras regiões, outras criações da natureza. Assim, a eternidade real e efetiva do Universo estará assegurada; os mundos sucedem aos mundos, os sóis aos sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus seja jamais atingido em suas gigantescas atividades.

A inteligência humana tem dificuldade para considerar esses globos radiosos que cintilam na extensão infinita, como simples massas de matéria inerte e sem vida; tem dificuldade para pensar que, nessas regiões longínquas, de magníficos crepúsculos e noites esplendidas, onde as produções múltiplas da Natureza desenvolveram toda a sua pompa luxuriante, este espetáculo divino, esteja despojado da existência e privado de todo ser pensante que possa conhecê-lo.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos, e os laços de uma fraternidade, foram dados a esses mundos; é a grande família de Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito Divino que abarca a extensão dos céus, e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

Habitados, como estamos, a julgar as coisas pela nossa pequena morada, imaginamos que a Natureza não pode agir sobre os outros mundos senão pelas regras que reconhecemos neste mundo. Pelo fato de nossa natureza animada ter começado no zoófito e terminado no ser humano, de que a atmosfera alimenta a vida terrestre, de que o elemento líquido a renova sem cessar, disso não devemos concluir que milhões e milhões de mundos que vagam na amplidão celeste sejam semelhantes a esta; longe disso, elas diferem segundo as condições diversas que lhes foram reservadas; e segundo o seu

papel respectivo no cenário do mundo; antes, são pedrarias variadas de um imenso mosaico.

4

Esboço Geológico da Terra

Introdução

A Geologia, ciência que trata das origens e constituição da Terra, evoluiu muito nas últimas décadas, e sem suas descobertas, bem como as da Astronomia, a Gênese do mundo estaria, ainda, nas trevas das lendas.

A Terra carrega consigo os traços evidentes da sua formação; a história da formação do globo está nas camadas geológicas, que, geralmente, são homogêneas e a linha de separação que as isola, uma das outras, é sempre claramente traçada; por estes caracteres, reconhece-se que foram formadas sucessivamente umas sobre as outras, nas condições e por causas diferentes; as mais profundas foram as primeiras a serem formadas e, as mais superficiais, posteriormente. A última de todas, a que se encontra na superfície, é a camada de terra vegetal que deve suas propriedades aos detritos de matérias orgânicas, provenientes das plantas e dos animais.

Analisando-se a natureza das camadas geológicas, sabe-se, se na época de sua formação, a região que as contém estava ocupada pelo mar, por lagos, por florestas ou por planícies povoadas por animais terrestres.

Faremos, a seguir, um resumo, bem sucinto, do esboço geológico da Terra, tendo em vista que este assunto é vasto e complexo e fazê-lo na sua totalidade não é proposta deste trabalho.

Períodos Geológicos

O estudo das camadas geológicas atesta assim, o que foi dito: formações sucessivas mudaram o aspecto do globo, e dividiram a sua história em várias épocas. Estas épocas constituem o que se denominam os **períodos geológicos**, cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da Gênese. O tempo de formação e duração de cada período geológico conta-se em milhares de séculos.

O número desses períodos não é absoluto, e depende dos sistemas de classificação. Apresentaremos o sistema que consta de seis períodos, designados por: período primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual.

Antes de estudarmos cada um dos períodos, veremos um pouco sobre o **estado primitivo do globo**. O achatamento dos polos e outros fatos são indícios que a Terra, na sua origem estava em um estado de fluidez, formada por massa incandescente. Em consequência da irradiação do calor, pouco a pouco se resfriou, e o resfriamento naturalmente começou pela superfície, que endureceu, ao passo que o interior permaneceu fluídico.

Período Primário

Características: Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas que a envolve por inteiro. Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios do Sol. Precipitação das matérias sólidas volatilizadas no ar. Precipitação gradual da água que, caindo sobre um solo ardente, se vaporizavam de novo, e recaíam em chuvas torrenciais. Ausência de vida orgânica.

Período de Transição

Características: As águas cobrem quase toda a superfície do globo, excetuando-se as partes mais elevadas. Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. Calor úmido. O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. Primeiros seres organizados de constituição mais rudimentar. Aparecimento dos líquens, musgos, lycopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. Primeiros animais marinhos: zoófitos, pólipos, crustáceos. Depósitos hulhíferos.

Período Secundário

Características: Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profunda e pantanosa. Temperaturas menos ardentes; atmosfera mais depurada. Depósitos consideráveis de calcário pelas águas. Vegetações menos colossais; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. Peixes; cetáceos; animais em conchas; grandes répteis e anfíbios. A vida animal sobre a terra seca faz pouco progresso.

Período Terciário

Características: Grandes soerguimentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retração das águas para os lugares baixos; formação dos mares. Atmosfera depurada; temperatura atual pelo calor solar. Animais terrestres gigantescos. Vegetais e animais atuais. Pássaros.

Período Diluviano

Características: As águas invadiram os continentes, arrastaram, com elas, rochas e terras; desnudando as montanhas; desenraizando florestas seculares; muitos animais pereceram, outros para escaparem da inundação, retiram-se

para as terras mais altas. Formação dos terrenos diluvianos. Mudança notável na temperatura do globo; formação das geleiras das montanhas; os polos começam a se cobrir de gelo.

Período Pós-Diluviano ou Atual

Características: Restabelecimento do equilíbrio na superfície do globo; a vida animal e vegetal prontamente retoma o seu curso. Formação dos terrenos de aluvião. O Sol brilha através de uma atmosfera mais depurada e límpida; calor solar menos sufocante. Vegetais e animais atuais. Foi então que apareceu o ser humano, o último ser da criação, aquele cuja inteligência deveria concorrer para o progresso geral, progredindo ele mesmo.

Revoluções do Globo Revoluções Gerais ou Parciais

Os períodos geológicos marcam fases do aspecto geral do globo, em consequência de suas transformações; excetuando-se o período diluviano, que traz as características de um transtorno repentino, todas as outras ocorreram lentamente e sem transição brusca.

Além das revoluções gerais, a Terra sofreu um grande número de perturbações locais, que mudaram o aspecto de certas regiões, tendo como causa o fogo e a água.

O fogo: seja pelas erupções vulcânicas que enterraram sob espessas camadas de cinzas e lavas os terrenos circundantes, fazendo desaparecer as cidades e seus habitantes; seja pelos tremores de terra; seja pelos soerguimentos da crosta sólida, refluindo as águas sobre as regiões mais baixas; seja pelo desmoronamento dessa mesma crosta em certos lugares, sobre extensão mais ou menos grande, onde as águas se precipitaram, deixando

terrenos a descoberto. Foi assim que surgiram as ilhas no seio do Oceano, ao passo que outras desapareceram; que porções de continentes foram separadas e formaram ilhas, que braços de mar secaram e reuniram ilhas aos continentes.

A água: seja pela invasão ou recuo do mar sobre certos litorais, seja pelos desabamentos que, detendo o curso d'água, formaram os lagos; seja pelos transbordamentos e as inundações; seja, enfim, pelos aterros formados na embocadura dos rios. Estes aterros, recuando o mar, formaram novas regiões: que é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito, do delta do Rhône ou Camargue.

Idade das Montanhas

Pelo estudo dos terrenos rasgados pelo soerguimento das montanhas e das camadas que se formaram em contrafortes, pode-se determinar a sua idade geológica, isto é, o período geológico durante o qual se formaram e, por consequência, a sua idade relativa. Sua antiguidade não está em relação a sua elevação ou de sua natureza exclusivamente granítica, pois a massa de granito ao se erguer, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Constatou-se pela observação, que as montanhas dos Vosges, na Bretanha, e a da Côte-d'Or, na França, pertencem às antigas formações; elas datam do período de transição e são anteriores aos depósitos carboníferos. O Jura formou-se pelo meio do período secundário; é contemporâneo dos répteis gigantes. Os Pirineus formaram-se no começo do período terciário. Os Alpes ocidentais datam do meio do período terciário. Os Alpes orientais datam do fim do período terciário. Algumas montanhas da Ásia são mesmo posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Dilúvio Bíblico

O dilúvio bíblico, designado também sob o nome de grande dilúvio asiático, é um fato cuja existência não pode ser contestada. Deve ter sido ocasionado pelo soerguimento de uma parte das montanhas desse continente. O que apoia essa opinião era a existência de um mar interior, que se estendia outrora do mar Negro ao Oceano Boreal, atestado por observações geológicas. O mar d'Azoff e o mar Cáspio cujas águas são salgadas, embora não se comuniquem com nenhum outro mar.

Quando do soerguimento das montanhas do Cáucaso, posterior ao período Diluviano, houve inundação na Mesopotâmia e toda região habitada pelos ancestrais do povo hebreu. Para os homens de então, que não conheciam senão uma fração muito limitada da superfície do globo e como a inundação ocorreu nos países conhecidos, para eles deveria sê-lo em toda a Terra. O dilúvio bíblico é posterior à aparição do ser humano sobre a Terra, uma vez que sua memória foi conservada pela tradição entre os povos dessa parte do mundo.

Cataclismos Futuros

As grandes comoções da Terra ocorreram na época em que a crosta sólida, por sua pouca espessura, não oferecia senão fraca resistência à efervescência das matérias incandescentes do interior; essas comoções diminuíram de intensidade à medida que a crosta se consolidou.

A Terra doravante entrou num período de estabilidade relativa, que põe o gênero humano ao abrigo das perturbações gerais, a menos de causas desconhecidas ao nosso globo.

Até que a Humanidade tenha suficientemente progredido em perfeição pela inteligência e coloque em prática as Leis Divinas, as maiores perturbações serão antes morais e sociais do que físicas.

5

Gênese Orgânica

A Terra na sua origem, não continha matérias combinadas, mas somente os seus princípios constituintes volatilizados.

Vejam os primeiro como se formaram os corpos inorgânicos e, poderemos deduzir, por analogia, a formação dos seres vivos. À medida que se aprofundam as leis da Natureza, veem-se lhes os mecanismos que, à primeira vista, parecem tão complicados, se simplificarem e se confundirem na grande lei da unidade que preside toda obra da criação.

Com o resfriamento do globo foram criadas condições tais que, seja um determinado grau de calor, de secura, de umidade ou de pressão, seja o movimento ou o repouso, seja uma corrente elétrica, propiciaram a combinação de seus elementos. Para efeito de facilitar o entendimento dos mecanismos formadores das matérias, vamos partir dos elementos tais como: o oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio, o carbono, o ouro, a prata, o zinco, o cálcio, o alumínio, etc.; mecanismos similares formaram essas matérias.

Determinadas circunstâncias propiciam a combinação de moléculas de oxigênio e hidrogênio; duas moléculas de hidrogênio combinadas quimicamente, com uma molécula de oxigênio e teremos a água, que possui características próprias que diferem do oxigênio e do hidrogênio, que são gases invisíveis, quando separados. A água pode, em certas circunstâncias, ser decomposta e teremos os dois gases livres, recobrando as suas propriedades. Esses mesmos dois elementos, em outras circunstâncias, podem se combinar, numa outra proporção: duas moléculas de oxigênio e duas moléculas de hidrogênio e teremos a água oxigenada, com características próprias, que a diferem da água.

Pela combinação de elementos teremos a formação dos corpos compostos, tais como: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inumeráveis variedades que resultam da combinação destes. Todas essas combinações, e milhares de outras, obtêm-se artificialmente, em ponto pequeno, nos laboratórios e, espontaneamente, em grande escala no grande laboratório da Natureza.

Essas considerações mostram o quanto a química é importante para o conhecimento da Gênese; a lei que preside à formação dos minerais conduz, naturalmente, à formação dos corpos orgânicos.

A análise química nos mostra que todas as substâncias vegetais e animais são compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Como no reino mineral, a diferença de proporção na combinação dos elementos produz todas as variedades de substâncias e suas diversas propriedades. Assim, na formação dos animais e das plantas, não entra nenhum corpo especial que não se ache igualmente no reino mineral.

As diferentes combinações dos elementos, para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais, não podem, pois, operar-se senão num meio e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão de alguma sorte, na inércia.

Podemos concluir que os corpos dos primeiros seres vivos, os mais simples, se formaram pela reunião das moléculas elementares à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a tal ou tal espécie.

Princípio Vital

Quando dizemos que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes que os minerais, nos referimos no sentido, exclusivamente, material; referimo-nos ao corpo.

Sem falar do **princípio inteligente**, que é uma questão à parte, há na matéria orgânica um princípio especial, inacessível, e que não pode ser

definido: é o **princípio vital**. Este princípio está ativo no ser vivo e está extinto no ser morto, mas não deixa de dar, à substância, propriedades características que a distinguem das substâncias inorgânicas.

Qualquer que seja a opinião que se faça sobre a natureza do princípio vital, ele existe, uma vez que se lhe veem os efeitos.

O oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio e o carbono, em se combinando sem o fluido vital, não formariam senão um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, lhe dá propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula orgânica.

O princípio vital seria uma espécie particular de eletricidade designada sob o nome de eletricidade animal, liberada durante a vida pela ação dos órgãos, e cuja produção se suspende na morte pela cessação dessa ação.

Escala dos Seres Orgânicos; o Ser Humano Corporal

Entre o reino vegetal e o reino animal, não há delimitação nitidamente traçada. O traço de união está nos **zoófitos** ou **animais-plantas**, cujo nome indica que se ligam a um e ao outro reino.

Como os animais as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, se reproduzem e morrem; como eles, para viverem, elas têm necessidade de luz, de calor, de água e diversos nutrientes; se disso são privadas, definham e morrem. Seu caráter mais marcante é estar ligado ao solo e dele tirarem seu alimento sem deslocamento.

O zoófito tem a aparência exterior da planta; como planta prende-se ao solo; como animal, a vida nele é mais acentuada; haure o seu alimento no meio ambiente.

Um degrau acima, o animal está livre para ir procurar o seu alimento: são no início, as inumeráveis variedades de espécies com corpos gelatinosos, sem órgãos bem distintos e não diferem das plantas senão pela locomoção; depois vem, o desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os vermes; os moluscos, animais carnudos sem ossos, uns são nus, como as lesmas, os polvos, outros são providos de conchas como os caracóis, as ostras; os crustáceos cuja pele é revestida de uma crosta dura, como os caranguejos, as lagostas; a seguir os insetos, nos quais a vida toma uma atividade prodigiosa e se manifesta o instinto laborioso como as formigas, as abelhas, as aranhas. Alguns sofrem uma metamorfose, como a lagarta que se transforma em borboleta. Vem a seguir a ordem dos vertebrados, animais com esqueleto ósseo, que compreende os peixes, os répteis, os pássaros, e enfim os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

Pode-se depreender, pelo exposto acima, que não há uma transição brusca, da planta para o animal vertebrado; há um processo evolutivo, sem solução de continuidade, de início insensível, evoluindo pouco a pouco, até o ser primitivo elementar.

Do ponto de vista corporal, e puramente anatômico, o ser humano pertence à classe dos mamíferos; com a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de reprodução, etc. A analogia é tal que se estudam as suas funções orgânicas sobre certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele mesmo.

Na classe dos mamíferos, o ser humano pertence à ordem dos bímanos, imediatamente abaixo dele vêm os quadrúmanos, os macacos; dos quais uns como o orangotango, o chimpanzé tem certos comportamentos do ser humano, como caminhar ereto, levar os alimentos à boca com a mão.

Por pouco que se observe a escala dos seres vivos do ponto de vista do organismo, o ser humano deve se resignar em ver, **em seu corpo material**, o

último degrau da animalidade sobre a Terra.

Chegados ao ponto em que estamos da Gênese, o materialismo se detém, ao passo que o Espiritismo prossegue as suas pesquisas no domínio da Gênese espiritual; o Espiritismo não teme as descobertas da ciência, porque está certo de que o princípio espiritual, que tem a sua existência própria, não sofre dano nenhum com o progresso.

6

Gênese Espiritual

Princípio Espiritual

Ser Espiritual (Alma ou Espírito) é o ser individual que existe em nós e que sobrevive à morte do corpo físico, mantendo a sua individualidade. Demonstrando ter consciência do seu eu e vontade própria

Segundo o princípio: “Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente”. O princípio espiritual é o corolário¹⁴ da existência de Deus; sem este princípio, Deus não teria razão de ser, porque não se poderia conceber a soberana inteligência reinando, durante a eternidade, somente sobre a matéria bruta. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, essas qualidades seriam inúteis se não devessem se exercer senão sobre a matéria. Uma vez que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se à conclusão que o elemento espiritual e o elemento material são dois princípios constitutivos do Universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados de **Espíritos**, como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos.

Ao mesmo tempo em que Deus criou mundos materiais, criou igualmente seres espirituais, sem isso, os mundos materiais estariam sem objetivos. São os mundos materiais que devem fornecer aos seres espirituais os elementos da atividade para o desenvolvimento de sua inteligência.

Antes que a Terra existisse, mundos haviam sucedido os mundos, e quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais, em todos os graus de adiantamento, desde aqueles que nasciam

para a vida, até aqueles que, tomaram lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados de anjos.

União do Princípio Espiritual e da Matéria

Devendo a matéria ser o objeto de trabalho do Espírito, para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que pudesse atuar sobre ela; o corpo é, pois, ao mesmo tempo, o envoltório e o instrumento do Espírito; e à medida que este adquire novas aptidões, ele se reveste do envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que deve realizar.

É o Espírito que dá forma ao seu envoltório e o apropria às novas necessidades, aperfeiçoa-o e desenvolve-o; fazendo-se abstração do Espírito, o corpo do ser humano não tem nada que o distinga do animal; mas tudo muda de aspecto fazendo-se distinção entre a **habitação** e o **habitante**; o que faz do ser humano um ser à parte, é o seu ser espiritual, o seu Espírito.

Hipótese Sobre a Origem dos Corpos Humanos

Desde que um espírito nasce na vida espiritual, deve para seu adiantamento, fazer uso de suas faculdades, de início rudimentar; por isso ele se reveste de um envoltório corporal apropriado ao seu estado de infância intelectual. Como não há transição brusca na natureza, é provável que os primeiros seres humanos que apareceram sobre a Terra devessem ser pouco diferenciados do macaco pela forma exterior, tendo encontrado no macaco uma vestimenta inteiramente pronta; deve ter-se vestido com a pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano.

Encarnações e Reencarnações dos Espíritos

O Espiritismo nos ensina de que maneira se opera a união do Espírito e do corpo na encarnação.

Para que o Espírito possa ter uma ação sobre a matéria, ele precisa de um intermediário, que é o **perispírito**, que é um envoltório fluídico, semimaterial e como toda matéria, ela é haurida no fluido cósmico universal. O fluido perispiritual é, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria.

A união da Alma ao corpo começa na concepção, mas só se completa no instante do nascimento. O Espírito designado para um corpo se liga a ele por um laço fluídico, que é uma expansão do seu perispírito, que vai aumentando essa ligação cada vez mais, até o instante do nascimento da criança. Como a união do Espírito e do corpo só se dá definitivamente no instante do nascimento, podemos dizer que o feto não possui, propriamente falando, uma Alma, mas tem uma Alma vinculada a ele.

Por efeito contrário, com a morte do corpo, o perispírito se desliga dele, molécula a molécula, e o Espírito se entrega à sua liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito.

Desde o instante que se segue à morte do corpo, a integridade do Espírito está inteira; suas faculdades adquirem uma penetração maior, ao passo que o princípio de vida está extinto no corpo, é a prova que o princípio vital e o princípio espiritual são duas coisas distintas.

Na encarnação, desde o momento que o Espírito se liga pelo laço fluídico ao corpo, que lhe é destinado, uma perturbação se apodera dele e nos últimos momentos antes do nascimento, ele perde a consciência de si mesmo, de sorte que ele nunca é testemunha de seu nascimento. No momento que a criança respira, o Espírito começa a recobrar as suas faculdades; mas, ao mesmo tempo em que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, ele perde a lembrança de seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e aptidões

adquiridas anteriormente que ficam num estado latente, e que vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que fazia precedentemente.

Quando retorna à vida espiritual, o seu passado se desenrola aos seus olhos, e ele julga se empregou bem ou mal o seu tempo. Não há, pois, solução de continuidade na vida espiritual; o Espírito é sempre **ele**, antes, durante a encarnação e depois dela; a encarnação não é senão uma fase especial de sua existência.

A reencarnação não é, pois, uma punição para o Espírito, como alguns pensam, mas um meio de progredir.

À medida que o Espírito progride moralmente, ele se desmaterializa, quer dizer que, subtraindo-se à influência da matéria, depura-se; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e suas percepções se estendem; sua felicidade está em razão do progresso realizado. Mas como age em virtude de seu livre-arbítrio, pode por negligência ou má vontade, retardar o seu adiantamento; depende, pois, do Espírito abreviar, por seu trabalho e depuração de si mesmo, a duração dos períodos de encarnações.

O princípio da reencarnação é uma consequência da Lei do Progresso. Sem a reencarnação, como explicar a diferença que existe entre o estado social atual e dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas, sempre, ao mesmo tempo em que o corpo, como explicar as melhores dotadas? Como explicar as intuições de certas coisas sem havê-las aprendido? Admitir que Deus criasse almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, é uma proposição inconciliável com a ideia da soberana Justiça Divina.

Emigrações e Imigrações dos Espíritos

Há, diariamente, emigrações do mundo corpóreo no mundo espiritual, e imigrações do mundo espiritual no mundo corpóreo.

Em certas épocas, reguladas pela sabedoria divina, essas emigrações e essas imigrações se operam em massas mais ou menos consideráveis. As renovações rápidas e quase instantâneas que se operam no elemento espiritual da população, em consequência de flagelos destruidores, aceleram o progresso na ordem física, intelectual e moral; sem as emigrações e as imigrações que vêm, de tempos em tempos, dar-lhe um violento impulso, ele caminharia com uma extrema lentidão.

Essa transfusão que se opera entre população encarnada e a população desencarnada de um mesmo globo, se opera, igualmente entre os mundos, seja individualmente nas condições normais, seja por massas em circunstâncias especiais. Disso resulta a introdução, na população de um globo, de novas raças de Espíritos, que veem se misturar às raças existentes, constituindo novas raças de seres humanos. Como os Espíritos nunca perdem o que adquiriram, levam com eles a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; são, pois, simplesmente, novos habitantes, que de início fazem parte de sua população espiritual, depois encarnam como os outros.

Raça Adâmica

A doutrina que fez todo gênero humano proceder de uma única individualidade, há cerca de seis mil anos, não é mais admissível no estado atual dos conhecimentos.

Segundo o ensino dos Espíritos, foi numa dessas imigrações que uma colônia de Espíritos vindos de outra esfera, que deram origem à raça simbolizada na pessoa de Adão, e, por esta razão chamada de raça adâmica. Quando ela chegou, a Terra já era povoada desde tempos imemoriais. A raça adâmica, mais avançada que aquelas que a precederam sobre a Terra, levaram aquelas ao progresso. Tudo indica que a raça adâmica não era antiga sobre a

face da Terra, e nada se opõe a que não esteja aqui senão há alguns milhares de ano.

Do ponto de vista fisiológico, certas raças apresentam tipos particulares característicos, que não permitem assimilar-lhes uma origem comum. Há diferenças que, evidentemente, não são o efeito do clima, ou de localização. Os brancos que vivem em um país de população, predominantemente, de negros, ou asiáticos, não assumem características próprias destas raças, e vice e versa; o que atesta diversas imigrações, em diversas épocas e sobre diferentes partes do globo. É necessário, pois, considerar as raças brancas, negras, mongólicas, caucásicas, como tendo origens próprias e nascidas simultaneamente ou sucessivamente; seu cruzamento produziu as raças mistas secundárias.

Doutrina dos Anjos Decaídos e do Paraíso Perdido

Os mundos progridem fisicamente pela elaboração da matéria, e moralmente pela depuração dos Espíritos que os habitam. Neles a felicidade está em razão da predominância do bem sobre o mal, e a predominância está em razão do avanço moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, uma vez que, apesar da inteligência, podem fazer o mal.

Quando chega um de seus períodos de transformação, quando o globo deve subir na hierarquia, mutações se operam na sua população encarnada e desencarnada; é quando ocorrem as grandes emigrações e imigrações. Aqueles que, apesar de sua inteligência e de seu saber, persistem no mal, sendo entrave para a felicidade dos bons, serão excluídos e enviados para outros mundos menos avançados. Ali aplicarão a sua inteligência e a intuição dos conhecimentos adquiridos, ao progresso daqueles entre os quais passarão a viver, ao mesmo tempo em que expiarão, numa série de existências penosas, as suas faltas passadas.

Que serão, entre esses povos na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos enviados em expiação? O globo do qual foram expulsos, não é para eles um **paraíso perdido**? A vaga lembrança intuitiva que dele conservam é para eles como uma miragem longínqua, que lhes lembra o que perderam por suas faltas.

Mas ao mesmo tempo em que os maus partiram do mundo que habitavam, são substituídos por Espíritos melhores, vindo da erraticidade do mesmo mundo, seja de um mundo menos avançado que mereceram deixar.

Essas mutações, algumas vezes, são parciais, limitadas a um povo, a uma raça; outras vezes, são gerais, quando o período de renovação chegou para o globo.

A raça adâmica tem todos os caracteres de uma raça proscrita; os Espíritos que dela fazem parte foram exilados sobre a Terra, já povoada, mas por homens primitivos. Relegados sobre esta Terra de trabalho e de sofrimentos; mas Deus, em sua mansuetude, lhes enviou um Salvador na pessoa de Jesus, que ensinou a lei do amor e de caridade, desconhecida para eles, e que deveria ser a verdadeira âncora de salvação.

Com igual objetivo, o de fazer a humanidade avançar, num determinado sentido, que Espíritos superiores se encarnaram de tempos em tempos sobre a Terra para nela cumprirem missões especiais que aproveitam, ao mesmo tempo, ao seu adiantamento pessoal, segundo os objetivos do Criador.

Sem a reencarnação, a missão de Jesus, e de outros Espíritos Superiores, não teria sentido. Supondo que a Alma de cada ser humano seja criada no nascimento de seu corpo, e que ela não faça senão desaparecer de sobre a Terra, com a morte, de que valeria todas as missões dos Espíritos superiores, inclusive a de Jesus?

¹⁴ Afirmação deduzida de uma verdade já demonstrada.

7

Gênese Mosaica

Depois dos desenvolvimentos contidos nos itens precedentes, sobre a origem e a constituição do Universo, segundo os dados fornecidos pela ciência para a parte material, e segundo o Espiritismo para a parte espiritual, seria útil colocar em paralelo o próprio texto da Gênese de Moisés com a ciência, a fim de que cada um possa estabelecer uma comparação e julgar com conhecimento de causa.

Quadro Comparativo

CIÊNCIA	GÊNESE MOSAICA
I. PERÍODO ASTRONÔMICO (1) Nascimento, pela condensação da matéria, das estrelas, do Sol, da Terra, da Lua e de todos os planetas.	1º DIA – O céu e a Terra. A luz
II. PERÍODO PRIMÁRIO Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas que a envolve por inteiro. Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios do Sol. Precipitação das matérias sólidas volatilizadas no ar. Precipitação gradual da água que, caindo sobre um solo ardente, se vaporizavam de novo, e recaíam em chuvas torrenciais. Ausência de vida orgânica.	2º DIA – O firmamento. Separação das águas que estão sob o firmamento das que estão acima.
III. PERÍODO DE TRANSIÇÃO As águas cobrem quase toda a superfície do globo, excetuando-se as partes mais elevadas. Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. Calor úmido. O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. Primeiros seres organizados de constituição mais rudimentar. Aparecimento dos líquens, musgos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. Primeiros animais marinhos: zoófitos, pólipos, crustáceos. Depósitos hulhíferos.	3º DIA – As águas que estão sob o firmamento se juntam; o elemento árido aparece. A Terra e os mares. As plantas.

CIÊNCIA	GÊNESE MOSAICA
IV. PERÍODO SECUNDÁRIO Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperaturas menos ardentes; atmosfera mais depurada. Depósitos consideráveis de calcário pelas águas. Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. Peixes; cetáceos; animais em conchas; grandes répteis e anfíbios. A vida animal sobre a terra seca faz pouco progresso.	4º DIA – O Sol, a luz e as estrelas.
V. PERÍODO TERCIÁRIO Grandes soerguimentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retração das águas para os lugares baixos; formação dos mares. Atmosfera depurada; temperatura atual pelo calor solar. Animais terrestres gigantes. Vegetais e animais atuais. Pássaros.	5º DIA – Os peixes e os pássaros.
DILÚVIO UNIVERSAL (2)	
VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO Restabelecimento do equilíbrio na superfície do globo; a vida animal e vegetal prontamente retoma a seu curso. Formação dos terrenos de aluvião. O Sol brilha através de uma atmosfera mais depurada e límpida; calor solar menos sufocante. Vegetais e animais atuais. Foi então que apareceu o ser humano, o último ser da criação,	6º DIA – Os animais terrestres. O Ser Humano.

(1) A geologia toma por ponto de partida a formação dos terrenos graníticos, não se ocupa mais do Sol, da Lua e das estrelas, nem do conjunto do Universo, objeto de estudo da astronomia e para efeito de comparação convém acrescentar um período que se poderia chamar de **período astronômico**.

(2) O período diluviano não é considerado por todos os geólogos como formando um período distinto, mas um fato transitório, que não marcou uma nova fase nas espécies vegetais e animais, uma vez que, com poucas exceções, as mesmas espécies se achavam antes do dilúvio e depois dele. Pode-se, pois, fazer-se abstração dele, sem se afastar da verdade.

Sobre alguns pontos, há uma concordância entre a Gênese de Moisés e a científica; mas seria errado crer-se que basta substituir os seis dias, de vinte e quatro horas, da criação, por seis períodos de tempo indeterminado para se encontrar uma analogia completa.

Um primeiro fato que ressalta do quadro comparativo acima é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde, de maneira rigorosa, como muitos o creem, a cada um dos seis períodos geológicos. A maior concordância é a sucessão dos seres, que é aproximada a mesma, e a aparição do ser humano por último; está aí um fato importante.

Para compreender certas partes da Gênese bíblica, é preciso colocar-se no ponto de vista das ideias cosmogônicas daquele tempo, do qual ela é reflexo.

Estudemos, pois, a Gênese bíblica, como se estuda a história da infância dos povos. É uma epopeia rica de alegorias, das quais é preciso procurar o sentido oculto; é preciso demonstrar-lhe os erros, no interesse mesmo da religião. Respeitar-se-á melhor esta quando seus erros não forem impostos à fé como verdades, e Deus com isso não parecerá senão maior e mais poderoso, quando seu nome não estiver ligado com fatos controversos.

8

Os Milagres Segundo o Espiritismo

Os Milagres no Sentido Teológico

Em sua acepção etimológica, a palavra milagre significa: admirável, coisa extraordinária, surpreendente; **um ato de poder divino contrário às leis conhecidas da Natureza.**

Em sua acepção usual, esta palavra perdeu, como tantas outras, o seu significado primitivo; de geral que era ela se restringe a uma ordem particular de fatos. No pensamento das massas, um milagre implica a ideia de um fato sobrenatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da Natureza, pela qual Deus manifesta o seu poder.

Um dos caracteres do milagre, propriamente dito, é o de ser inexplicável, por isso mesmo que se cumpre fora das leis naturais; por isso, se encontramos uma explicação para um fato miraculoso ele deixa de ser um milagre, por mais surpreendente que seja.

Outro caráter do milagre é o de ser insólito, isolado e excepcional; a partir do momento que um fenômeno se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, ele fica submetido a uma lei, e, desde então, seja essa lei conhecida ou não, deixa de ser considerado milagre.

Os séculos de ignorância foram fecundos em milagres, porque tudo cuja causa era desconhecida passava por sobrenatural. À medida que a ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso foi restringido; mas como não havia explorado todo o campo da Natureza, restava ainda parte bastante grande ao maravilhoso.

O Espiritismo não faz Milagres

O Espiritismo vem fazer, o que cada ciência fez em seu advento: revelar novas leis, e explicar, por consequência os fenômenos que são da alçada dessas leis.

Esses fenômenos, é verdade, se prendem à existência dos Espíritos e à sua intervenção no mundo material. O Espírito não é outro senão a Alma que sobrevive ao corpo; é o Ser principal uma vez que não morre. Sua existência é, pois, tudo tão natural depois como durante a encarnação; ela está submetida às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo está submetido às leis que regem o princípio material; mas como esses dois princípios têm uma afinidade e que reagem incessantemente um sobre o outro, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma como a outra.

Durante sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio de seu corpo fluídico ou perispírito; ocorre o mesmo fora da encarnação. Como não tem mais seu corpo carnal, se serve quando necessário de um encarnado, de um **médium** para se manifestar. Ele faz como aquele que, não podendo ele mesmo escrever, se utiliza de um secretário; ou não sabendo uma língua, serve-se de um intérprete. O médium é o secretário, o intérprete de um Espírito, possibilitando a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material.

Antes de se conhecer as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de certas pessoas; desde que a causa foi conhecida, o maravilhoso desapareceu. Ocorre o mesmo com os fenômenos espíritas, que não saem mais da ordem das leis naturais que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que foram a fonte de uma multidão de crenças supersticiosas.

Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação do Espírito, seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas suas manifestações que o Espírito revela a sua existência, a sua sobrevivência e a sua individualidade; ela é julgada por seus efeitos e são esses efeitos que fazem o objeto especial de pesquisas e de estudos do Espiritismo.

O fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são uma consequência da existência do Espírito, não se julgue que ele aceita todos os efeitos qualificados de maravilhosos e pretenda justificá-los; seria necessário conhecê-lo bem pouco para assim pensar.

Os fenômenos espíritas são frequentemente espontâneos e se produzem sem nenhuma ideia preconcebida nas pessoas, nas quais se manifestam; em certas circunstâncias, eles podem se provocados pelos médiuns; no primeiro caso o médium é inconsciente do que se produz por seu intermédio; no segundo, age com o conhecimento de causa. Os médiuns não produzem nada de sobrenatural; por consequência, eles não fazem nenhum milagre.

A questão dos milagres propriamente ditos não é, pois, da alçada do Espiritismo; mas apoiando-se no fato que Deus não faz nada de inútil, podemos entender que: **os milagres, não sendo necessários à glorificação de Deus, nada no Universo se desvia das leis gerais. Deus não faz milagres, porque sendo suas leis perfeitas, não tem necessidade de derogá-las.** Se há fatos que não compreendemos, é porque nos faltam os conhecimentos necessários.

Os Fluidos

O fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, da qual as modificações e transformações constituem a inumerável variedade de corpos da Natureza. O princípio elementar universal oferece dois estados distintos: o

da **eterização**, que se pode considerar como seu estado normal primitivo, e o da **materialização** que, não lhe é senão consecutivo.

Cada um desses estados dá lugar a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível, os fenômenos materiais, que são da alçada da ciência propriamente dita, e aos primeiros os do mundo invisível, os fenômenos espirituais ou psíquicos, que se ligam à existência dos Espíritos, e estão nas atribuições do Espiritismo; mas como a vida espiritual e a vida corpórea estão em contato incessante, os fenômenos destas duas ordens se apresentam, com frequência, simultaneamente.

Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam à análise de nossos instrumentos, pois, nossos instrumentos são feitos para analisar matéria tangível e não matéria etérea. Na falta de percepção direta, pode-se observar-lhes os efeitos, como se observam os do fluido do imã, que nunca se viu, e adquirir sobre a sua natureza conhecimentos de certa precisão. Este estudo é essencial, porque é a chave de uma multidão de fenômenos inexplicáveis unicamente pelas leis da matéria.

O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido ao redor de um foco de inteligência. O corpo carnal tem também seu princípio neste mesmo fluido, transformado e condensado em matéria tangível. O corpo perispiritual e o corpo carnal têm a sua fonte no mesmo elemento primitivo; um e outro são: matéria, embora sob dois estados diferentes.

Segundo o Espírito seja mais ou menos depurado, o seu perispírito se forma das partes mais puras ou mais grosseiras, do fluido do mundo onde se encarna; disto resulta que a constituição íntima do perispírito não é idêntica entre todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço circundante.

O fluido etéreo é para as necessidades do Espírito o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados; é o veículo do pensamento como o ar é o

veículo do som.

Em seu estado normal, o perispírito é invisível para nós, mas, como está formado com matéria, ainda que etérea, o Espírito pode, em certas circunstâncias, fazê-lo sofrer, por um ato de sua vontade, uma modificação molecular que o torne momentaneamente visível. Processo semelhante ao que torna o vapor de água, que é invisível quando está muito rarefeito, visível quando está condensado.

As aparições só têm a aparência da matéria carnal, mas não suas qualidades; em razão de sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão, porque, em realidade, não são carne.

Obsessões e Possessões

A obsessão é a ação persistente que um Espírito exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores sensíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera¹⁵ todas as faculdades mediúnicas.

Do mesmo modo que as doenças são os resultados das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o de uma imperfeição moral, que dá presa a um mau Espírito. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral, é necessário se opor uma força moral. Para se garantir da obsessão, é necessário fortificar a Alma; daí a necessidade de se trabalhar em nosso próprio melhoramento, o que frequentemente, basta para desembaraçarmo-nos do obsessor, sem o socorro de pessoas estranhas. Esse socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão.

Para assegurar a desobsessão, é necessário levar o obsessor a renunciar aos seus desejos, através de um diálogo com base no amor fraterno; é preciso fazer

nascer nele o arrependimento e o desejo do bem; pode-se ter a satisfação de livrar um encarnado e auxiliar um irmão desencarnado necessitado.

Na possessão, em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; faz eleição em seu corpo sem, contudo, que este o deixe definitivamente, o que não pode ocorrer senão na morte. A possessão é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, tendo em vista que a união molecular do perispírito e do corpo não se opera senão no momento da concepção.

A obsessão e a possessão, o mais frequentemente, é individual, mas, às vezes são epidêmicas; o Espiritismo indica um meio de remediá-las: o meio de agir sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado pela inteligência e pelo amor fraterno.

¹⁵ Obliterar: Fazer desaparecer pouco a pouco, mas deixando alguns vestígios; obstruir.

9

Os Milagres Segundo o Evangelho

- Superioridade da natureza de Jesus
- Sonhos
- Estrela dos magos
- Dupla vista
- Curas
- Possuídos
- Ressurreições
- Jesus anda sobre a água
- Transfiguração
- Tempestade acalmada
- Bodas de Caná
- Multiplicação dos pães
- A tentação de Jesus
- Prodígios na morte de Jesus
- Aparição de Jesus depois de sua morte
- Desaparecimento do corpo de Jesus

Superioridade da Natureza de Jesus

Os fatos narrados no Evangelho e que foram até aqui considerados miraculosos, pertencem, na maioria, à ordem dos fenômenos psíquicos, quer

dizer, daqueles que têm por causa primeira as faculdades e os atributos da Alma.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa sobre as propriedades do fluido perispiritual; sobre as manifestações da vida espiritual, durante a vida e depois da morte; enfim, sobre o estado constitutivo dos Espíritos e o seu papel como força ativa da Natureza. Esses elementos conhecidos, e seus efeitos constatados, têm por consequência fazer admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados quando lhes atribuía uma origem sobrenatural.

Sem nada prejudicar sobre a natureza de Jesus, que não faz parte deste trabalho examinar, e o considerando senão um Espírito superior, não se pode impedir de reconhecer nele um daqueles de ordem mais elevada, e que está colocado, pelas suas virtudes e pelos resultados que produziu, na sua encarnação neste mundo, bem acima da Humanidade terrestre.

Como ser humano, tinha a organização dos seres carnaís; mas como Espírito puro, desligado da matéria, deveria viver a vida espiritual mais que a vida corpórea, da qual não tinha as fraquezas. A superioridade de Jesus sobre os seres humanos não se prendia às particularidades de seu corpo, mas às de seu Espírito que dominava a matéria de maneira absoluta e a seu perispírito, haurido na parte mais quintessenciada¹⁶ dos fluidos terrestres. A qualidade destes fluidos lhe dava uma imensa força magnética, secundada pelo desejo incessante de fazer o bem.

Não podemos considerar Jesus como um médium, pois, um médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados; Jesus não tinha necessidade de assistência, ele que assistia os outros; agia por si mesmo, em virtude de seu poder pessoal, assim como podem fazê-lo os encarnados em certos casos e na medida de suas forças.

A seguir seriam apresentadas as demais passagens da vida de Jesus e suas realizações, mas não nos cabe resumir, sem o risco de não sermos

fieis na interpretação dos acontecimentos. Devendo, pois, os interessados lê-las na íntegra.

Só vamos citar o maior dos milagres que Jesus fez, aquele que atesta verdadeiramente a sua superioridade: **é a revolução que os seus ensinoss operaram no mundo, apesar da exiguidade dos meios de ação.**

¹⁶ Quintessência: Substância etérea; o que há de mais puro, mais elevado; o essencial.

10

As Predições Segundo o Espiritismo

Teoria da Presciência¹⁷

É possível o conhecimento do futuro? As coisas futuras, diz-se, não existem; como então, saber que ocorrerão? Os exemplos de predições realizadas são, entretanto, bastante numerosos; é preciso concluir que se passa aí um fenômeno, do qual conhecemos os efeitos, mas não as causas; será essa causa que tentaremos procurar, e é ainda o Espiritismo, ele mesmo a chave de tantos mistérios, e que, além disso, nos mostrará que mesmo o fato das predições não sai das Leis Naturais.

Tomemos como comparação, um exemplo nas coisas usuais, e que ajudará a compreender o princípio a ser desenvolvido.

Suponhamos um ser humano colocado sobre uma alta montanha, e considerando uma vasta extensão de planície, ao seu redor. Nesta situação ele poderá ver, de um só golpe de vista, todos os acidentes do terreno, desde o começo até o fim do caminho. Um viajante que segue esse caminho pela primeira vez sabe que, caminhando, chegará a um determinado lugar; aí está uma simples previsão da consequência de uma caminhada; mas são para ele desconhecidos os acidentes do terreno, as subidas, as descidas, os rios a transpor, os precipícios, as casas hospitaleiras onde poderá repousar, etc., porque sua visão não se estende além do pequeno círculo que o cerca. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que emprega para percorrer o caminho; tirando os pontos de referência a duração se apaga. Se o ser humano que está no alto da montanha descer e disser ao viajante: “Em tal ponto encontrará tal

coisa, em outro ponto, tal coisa”, ele estará prevendo o futuro para o viajante. O que é futuro para o viajante, é presente para o ser humano da montanha.

Saindo do círculo das coisas puramente materiais, e entrando, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, esse fenômeno se produzirá em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o ser humano da montanha: o espaço e a duração se apagam para eles. Mas a extensão e a penetração de sua visão são proporcionais à sua depuração, e à sua elevação na hierarquia espiritual. Os Espíritos Superiores, com relação aos Espíritos inferiores, desencarnados ou não, é como se possuíssem um poderoso telescópio, comparado com aqueles que têm senão os seus olhos. Comparativamente, com o ser humano da montanha e o viajante, o que para o ser humano da Terra é o futuro, para o Espírito Superior é o presente. Poderá, pois, vir nos dizer com certeza: tal coisa ocorrerá, porque vê essa coisa como o ser humano da montanha vê o que espera o viajante em seu caminho; se não o faz, com frequência, é porque o conhecimento do futuro seria nocivo ao ser humano; entravaria seu livre-arbítrio; o paralisaria no seu trabalho que deve cumprir para seu progresso; o bem e o mal que o esperam, estando no desconhecido, é para ele uma prova.

Para compreender as coisas espirituais, quer dizer, para dela se dar uma ideia tão límpida quanto aquela que fazemos de uma paisagem que está sob os nossos olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e a visão sem o contato. As coisas materiais não podem dar senão ideias muito imperfeitas das coisas espirituais; é por isso que não se pode tomar a comparação ao pé da letra.

As faculdades perceptivas são inerentes ao estado de espiritualização ou desmaterialização, quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, embora imperfeitamente, ao da visão do conjunto do ser humano da montanha. Esta comparação tinha somente por objetivo mostrar

que os acontecimentos que estão no futuro para uns, estão no presente para outros, e podem, assim, ser preditos, o que não implica que o efeito se produza do mesmo modo.

A visão nos Espíritos, não se produzindo do mesmo modo, nem com os mesmos elementos que entre os encarnados, seu horizonte visual é todo outro; está precisamente aí o sentido que nos falta para concebê-lo; o Espírito, ao lado do encarnado; é como o vidente ao lado de um cego.

A faculdade perceptiva, não se limita à extensão, mas compreende a penetração de todas as coisas, e ela é inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. Esta faculdade é **diminuída** pela encarnação, mas não é completamente anulada. O encarnado a possui, embora sempre em menor grau do que quando está inteiramente liberto; é isto que dá a certos homens, um poder de penetração que falta totalmente a outros, uma maior justeza no golpe de vista moral, uma compreensão mais fácil das coisas extramateriais.

O Espírito encarnado percebe, e se lembra do que viu no estado de Espírito, e essa lembrança é como um quadro que se desenha em seu pensamento. Na encarnação ele vê, mas vagamente como através de um véu; no estado de liberdade vê e concebe claramente. O princípio da visão não está fora dele, mas nele. Pelo desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga; pela desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que alteram a delicadeza das percepções; de onde é fácil compreender que a extensão de todas as faculdades segue o progresso dos Espíritos.

A Humanidade contemporânea tem os seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo, pressentiram, em seus escritos, a marcha futura das coisas que se veem realizar hoje.

- ¹⁷ Presciência: 1. Teol. Atributo divino pelo qual Deus conhece o futuro.
2. Ciência inata, anterior ao estudo.

11

Predições Segundo o Evangelho

- Ninguém é profeta em sua terra
- Morte e paixão de Jesus
- Perseguição dos apóstolos
- Cidades impenitentes
- Ruína do Templo e de Jerusalém
- Maldição aos fariseus
- Minhas palavras não passarão
- A pedra angular
- Parábola dos vinhateiros homicidas
- Um só rebanho e um só pastor
- Advento de Elias
- Anunciação do Consolador
- Segundo advento do Cristo
- Sinais precursores
- Vossos filhos e vossas filhas profetizarão
- Julgamento final

Pelo mesmo motivo que no capítulo OS MILAGRES SEGUNDO O EVANGELHO não resumimos as inúmeras passagens da vida de Jesus e suas realizações, também não iremos resumir as PREDIÇÕES SEGUNDO O EVANGELHO. Devendo, pois, serem lidas e estudadas na íntegra.

Os Tempos são Chegados

Na criação de Deus tudo é harmonia; tudo revela uma providência que não se desmente nem nas menores coisas nem nas maiores; devemos, pois, de início descartar toda ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se a nossa época está marcada para o cumprimento de certas coisas, é que elas têm a sua razão de ser na marcha do conjunto.

O nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à Lei do Progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses dois progressos se seguem e caminham paralelamente, porque a perfeição da habitação está em relação com a do habitante.

O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem sua participação sob o olhar do soberano Senhor, cuja vontade **única** mantém, por toda a parte, a **unidade**.

A Humanidade cumpriu, até este dia, incontáveis progressos; os homens pela sua inteligência chegaram a resultados que não atingiram jamais em relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: é o de fazer reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o bem-estar moral. Não é somente o desenvolvimento da inteligência que é preciso aos homens; é a elevação do sentimento, e para isso é necessário destruir tudo o que poderia superexcitar neles, o egoísmo e o orgulho.

Este é o período que marcará uma das fases principais da Humanidade, e é por isso que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados. Nesse tempo, não se tratará mais de uma mudança parcial, de uma renovação limitada

a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido do progresso moral.

Uma mudança tão radical quanto a que se elabora, não pode se cumprir sem comoção; há luta inevitável entre ideias. Será, pois, uma luta de ideias e não catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram a consequência do estado de formação da Terra; hoje não são as entranhas do globo que se agitam, são as da Humanidade.

A Humanidade terrestre chegou, a um desses períodos de crescimento; há um trabalho de transformação; por isso que ela se agita por todas as partes, presa a uma espécie de febre e como movida por uma força invisível, até que ela tenha retomado o seu assento sobre novas bases.

Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra, pondo um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar, entre eles, a concórdia, a paz, a fraternidade. Um sinal característico do período que entramos é a reação evidente que se opera no sentido das ideias espiritualistas; uma repulsa instintiva se manifesta contra as ideias materialistas.

Não foi o Espiritismo que criou a renovação social; foi a maturidade da Humanidade que fez dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, pelas suas tendências progressivas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo está apto a secundar o movimento regenerador; é por isso que ele é contemporâneo.

A Geração Nova

A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de desenvolvimento ao qual tenha chegado. Caminhando o Espiritismo para o mesmo objetivo, e realizando suas finalidades, ambos se reencontrarão sobre o mesmo terreno. As pessoas de progresso encontrarão, nas ideias espíritas, uma poderosa alavanca, e o

Espiritismo encontrará nas pessoas novas, Espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo.

Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é necessário que ela seja povoada somente por bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que só queiram o bem; aqueles que a habitam e fazem o mal pelo mal, e que o sentimento do bem não toca, não sendo dignos da Terra transformada, dela serão excluídos; serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar, entre eles, a justiça, a paz e a fraternidade.

Os incrédulos rirão dessas coisas, e as tratarão por quimeras; mas viverão a despeito de si mesmos, e serão, um dia, forçados a abrir os olhos.

12

Considerações Finais

Esperamos, sinceramente, que tenhamos conseguido atingir o objetivo a que nos propusemos, ao iniciarmos este trabalho.

E repetimos o que dissemos no início deste trabalho: **“Estamos cientes que a leitura deste resumo, não é o suficiente para se conhecer, em profundidade, a Doutrina dos Espíritos¹⁸; a intenção não é a de persuadir ninguém a deixar sua religião, mas tão somente apresentarmos os conceitos básicos, que sirvam para despertar o interesse pelo Espiritismo, daí sim estudar, sob a orientação de pessoas experientes e devidamente capacitadas, as obras básicas de Kardec”**.

Algumas partes foram mais resumidas que outras o que não significa menor ou maior importância do tema tratado, mas que, encontramos maior ou menor facilidade de entendimento.

O quinto livro das obras básicas de Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, já é por si um resumo das máximas de Jesus, não cabendo, portanto, ser resumido, mas sim, lido e estudado em sua íntegra.

Mais uma vez agradecemos a todos, que de uma maneira direta ou indireta, nos ajudaram na realização deste trabalho.

“Eu sou minhas lembranças.”

Conrado

Maio de 2009

¹⁸ É uma Filosofia de Vida. Não é uma religião, mas um conjunto de princípios em que se baseia um modo de vida.

Sobre a obra

A obra *Espiritismo – Noções Básicas*, de acordo com o título, contém um resumo de quatro dos livros básicos da Doutrina dos Espírita, codificados por Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo* e *A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*.

Contém os conceitos básicos da Doutrina Espírita, apresentados de um modo simples, com a intenção de despertar o interesse do leitor para o assunto tratado. Algumas partes foram mais resumidas que outras, o que não significa menor ou maior importância do tema tratado, mas sim maior ou menor facilidade de entendimento.

Estamos cientes de que este trabalho está longe de esgotar o assunto.

Sobre o autor

Conrado Colli Sampaio



Nasceu em Itapetininga, interior de São Paulo, em 15 de novembro de 1940.

Mudou-se para São Paulo, capital, em 1948, quando iniciou seus estudos.

Formou-se em Administração de Empresas pela Escola Superior de Administração de Negócios (ESAN).

Casou, em 1969, com Lizete; tiveram duas filhas, Mônica e Mariane, que lhes deram quatro netos: Carolina e Murilo, filhos de Mônica e César; João Pedro e Guilherme, filhos de Mariane e Sérgio.

De formação católica, interessou-se pela prática do Espiritismo após o falecimento de sua mãe no ano de 2000. Iniciou lendo obras de André Luiz (*Nosso Lar*), Patrícia (*Violetas na Janela*), entre outras; a partir 2001 iniciou o estudo das obras de Allan Kardec.

Teve a primeira oportunidade de trabalhar como voluntário, em fins de 2001, no Centro Kardecista Apométrico Casinha Azul, dirigida pelo Senhor Sardinha (*in memoriam*) e Dona Letícia (*in memoriam*).

Trabalha atualmente no Núcleo Assistencial Espírita Semeadores de Luz (NAESEL), em Osasco (SP).

Seu primeiro livro, *Espiritismo – Noções Básicas*, foi publicado em fevereiro de 2009 pela Scortecci Editora.

Participou da 21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em agosto de 2010, no Pavilhão de Exposições do Anhembi.

Seu segundo livro, *Nova Dália* (primeiro romance espírita), foi publicado em outubro de 2013 (edição do autor).

Seu terceiro livro, *Giu e Dida* (segundo romance espírita), foi publicado em janeiro de 2018 pela Scortecci Editora.

Participou da 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em agosto de 2018, no Pavilhão de Exposições do Anhembi.

Seu quarto livro, *Mar Azul* (terceiro romance espírita), foi publicado em janeiro de 2019 pela Scortecci Editora.

Seu quinto livro, *Laços do Destino* (quarto romance espírita), foi publicado em fevereiro de 2020 pela Scortecci Editora.

Hoje aposentado, dedicou mais de 30 anos de sua vida profissional à área de informática.

Contato

ccscontatos@gmail.com



Conrado Colli Sampaio

Espiritismo

Noções básicas

2ª

edição

revisada e ampliada

